CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA

Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino

Gabrielle Cooper Almeida



Rio de Janeiro
Agosto de 2020

Lombada



10 cm de distância da borda.

Largura da barra: 2,0 mm

CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

NIILISMO NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Gabrielle Cooper Almeida

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador(a): Eduardo Gatto

Rio de Janeiro
Agosto de 2020

NIILISMO NA FORMAÇÃO DO HOMEM

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Gabrielle Cooper Almeida

Banca examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr. Eduardo Augusto Giglio Gatto (CEFET)

_____

Professor (a) Dr. Felipe Gonçalves Pinto (CEFET)

_____

Professor (a) Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Rio de Janeiro
Agosto de 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

A447 Almeida, Gabrielle Cooper
Niilismo na formação do Homem / Gabrielle Cooper Almeida — 2020.
76 + anexo : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2020.
Bibliografia : f. 75-76
Orientador: Eduardo Augusto Giglio Gatto

1. Niilismo (Filosofia). 2. Nietzsche Friedrich Wilhelm, 1844 - 1900. 3. Filosofia moderna. 4. Educação. 5. Teixeira, Anísio, 1900-1971. I.Gatto,Eduardo Augusto Giglio (Orient.).

CDD 190

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

AGRADECIMENTOS

Ao chegar à conclusão desse trabalho faço meus sinceros agradecimentos a alguns membros da minha família. Primeiramente a minha mãe que esteve comigo em todos os processos avaliativos que precisei passar para entrar no programa, durante o programa e ao final dele. Assim como acompanhou meus dias em frente ao computador e as longas pesquisas em livros de filosofia. Ao meu pai, que ainda sem entender a finalidade da filosofia, sempre dizia a todos que eu estava cursando um ótimo mestrado. E a minha avó que sempre me incentivou a estudar e me tornar uma pessoa independente. E que hoje, no auge dos seus 91 anos e recém curada da covid-19, continua a me apoiar e dizer que sente orgulho muito orgulho da sua neta mais nova.

A todos os amigos que estiveram próximos a mim e de alguma forma contribuíram para que eu seguisse firme nesta caminhada e serviram de inspiração para trechos desse trabalho.

Ao meu eterno mestre Diogo Santos, que me incentivou a iniciar essa pesquisa ainda na graduação, e posteriormente a ingressar no programa de mestrado. Finalmente aos meus professores do PPFEN: Eduardo, Felipe, Fábio, Cristina e outros, que me apoiaram e compreenderam em um momento muito difícil que passei em meio ao curso, mas que não me deixaram desistir. Obrigada. Vocês são maravilhosos.

RESUMO

Niilismo na formação do homem

Este trabalho tem como temática central realizar uma reflexão filosófica acerca da educação atual a partir do conceito de Niilismo descrito pelo filósofo Friedrich Nietzsche. Visando realizar uma conexão entre o niilismo negativo, o niilismo afirmativo e a Pedagogia Tecnicista desenvolvida por Anísio Teixeira e seu legado para a organização educacional brasileira. Para que essa reflexão aconteça de forma concisa o texto inicia-se com a descrição do conceito de Niilismo no ocidente e posteriormente pela visão de Nietzsche. Enquanto a reflexão sobre a educação é realizada através da crise na modernidade, pelas observações de pesquisadores de Nietzsche, e também pelo levantamento de conceitos que integravam a Paidéia grega. Tal reflexão se dá principalmente com base na leitura e fichamento das obras de Nietzsche e Anísio Teixeira. E pesquisadores brasileiros cujos escritos se debruçam sobre as temáticas do niilismo, Pedagogia Tecnicista e a educação de forma mais ampla. Com esse trabalho não é possível elaborar um novo formato de educação, mas sim pensar em formas de fazer com que os educandos possam tornar-se indivíduos dotados de capacidade crítica e transformadora da sua realidade.

Palavras- chaves: Niilismo; Nietzsche; Educação.

ABSTRACT

Nihilism in the formation of man

This work has as central theme to realize a philosophical reflection on the current education from the concept of nihilism described by the philosopher Friedrich Nietzsche. Aiming to make a connection between negative nihilism, affirmative nihilism and technical pedagogy developed by Anísio Teixeira and his legacy to the Brazilian educational organization. For this reflection to happen concisely the text begins with the description of the concept of Nihilism in the West and later by the view of Nietzsche. While the reflection on education is carried out through the crisis in modernity, by the observations of researchers of Nietzsche, and also by the survey of concepts that integrated the Greek Paidéia. This reflection is mainly based on the reading and booking of mainly based on the reading and making of the works of Nietzsche and Anísio Teixeira. And Brazilian researchers whose writings focus on the themes of nihilism, technical pedagogy and education more broadly. With this work it is not possible to elaborate a new format of education, but rather to think of ways to make the students can become individuals endowed with critical and transformative capacity of their reality.

Keywords: Nihilism; Nietzsche; Education.

SUMÁRIO

	Introdução.....	8
1	**Niilismo**.....	11
1.1	Niilismo na Filosofia Ocidental.....	11
1.2	Niilismo de Nietzsche.....	13
2	**Modernidade**.....	27
2.1	Uma crítica à modernidade segundo Nietzsche.....	27
2.2	Paidéia: a formação do homem grego.....	34
2.3	Paidéia, modernidade e a Pedagogia de Nietzsche.....	47
3	**Niilismo Educacional**.....	54
3.1	A construção do Niilismo na escola brasileira.....	54
3.2	Niilismo educacional negativo / afirmativo.....	60
3.3	Niilismo Educacional Afirmativo.....	64
	Considerações Finais.....	71
	Referências.....	75
	ANEXO A - Proposta de Produto Didático.....	77

Introdução

Ao realizar este trabalho proponho uma reflexão filosófica a partir do conceito de Niilismo descrito por Nietzsche. Tecendo uma conexão entre as características do niilismo, a crise da modernidade, a Pedagogia Tecnicista e o legado que esta última deixou na organização escolar brasileira.

O conceito do niilismo cunhado na filosofia ocidental serviu de base para a construção do Niilismo descrito por Nietzsche em suas obras. O autor também utilizou do conceito para falar sobre a crise da modernidade e as modificações ocorridas nas instituições de ensino alemãs em seu tempo.

No Brasil, o período de instabilidade política vivida na década de 70 abriu portas para a possibilidade de implementação de uma nova tendência educacional a Pedagogia Tecnicista. Que ao ser desenvolvida introduziu nas instituições escolares uma nova organização para o ensino. O currículo construído de forma sistemática e com um objetivo já determinado deixava ao educador pouco espaço para sua atuação em sala de aula. Assim como, dava ao educando possibilidades diminuídas de abrangência de conhecimento.

As disciplinas assumiram o caráter formativo, ou seja, baseava-se no que poderia a vir a ser utilizado futuramente em determinada profissão. Os professores assumiam o papel de detentor e reprodutor do saber evitando vínculos com os educandos. Estes deveriam ser formados para a atuação no mercado de trabalho. O grande marco da Pedagogia Tecnicista foi à promessa de melhoria social em que através da educação se alcançaria reconhecimento e valorização financeira.

Tal característica da Pedagogia Tecnicista vai de encontro aos escritos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Que traz em suas obras diversas criticas a educação e a sociedade ocidental. Para realizá-las ele utiliza o conceito do niilismo, em que se refere à negação dos desejos em prol de uma vida futura, que é feita em diferentes esferas da vida do homem ocidental.

> O niilismo é pois o conhecimento do longo desperdício da força, a tortura que se ocasiona esse “em vão”, a incerteza, a falta de oportunidade de se refazer de qualquer maneira que seja, de tranquilizar-se em relação ao que quer que seja. (NIETZSCHE, s/d, p. 88)

Nietzsche traz em suas obras outros conceitos e questões importantes para a reflexão que será apresentada ao longo do trabalho, como por exemplo, o ideal ascético, o sacerdote, o nobre, o escravo, *Übermensch* e outros. Tais conceitos podem ser desenvolvidos também dentro das instituições escolares, pois o niilismo está presente neste ambiente.

Para que haja uma reflexão concisa é preciso compreender que as instituições escolares começaram a sofrer alterações ainda na modernidade e que neste período já eram criticadas por Nietzsche. Pois o caráter técnico da formação e a utilização da educação para suprir as necessidades do Estado já se apresentavam. Essa característica ornamentou a formação escolar e institucional do homem ao longo dos anos. Porém no Brasil tornou-se mais evidente com a apresentação da Pedagogia Tecnicista trazida dos Estados Unidos.

Porém para levantar tais questões é necessário compreender as demandas sociais e políticas de cada período retratado neste texto. No período em que Nietzsche tece suas críticas à sociedade e ao modelo educacional vigente, a modernidade encontrava-se em crise e mudanças sociais aconteciam a todo o momento, de modo próximo, a época em que a Pedagogia Tecnicista é incorporada no Brasil, como forma de assegura melhorias ao país, também é marcada por crises em que as mudanças sociais eram constantes. No entanto é necessário ter senso crítico de perceber que dentro deste conceito há também interesse políticos para a manutenção de uma escala social.

> O objetivo é percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral – da moral que realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, novos olhos: isto não significa praticamente descobrir essa região? (NIETZSCHE, 1999, p.13)

A partir disso, o objetivo deste trabalho não é criar um novo modelo educacional que seja melhor ou menos técnico do que o citado acima. Mas sim levantar questionamentos, e até mesmo hipóteses, do por que a característica técnica criticada por Nietzcshe na Alemanha ao final do séc. XVIII e início do séc. XIX e a Pedagogia Tecnicista aplicada do Brasil deixaram marcas nas instituições escolares da atualidade.

A importância de pensar nos problemas que envolvem a educação requer não apenas um olhar simplório para o momento atual, mas também a busca por respostas no passado e em sua história. Uma formação educacional que delimita para o

mercado de trabalho diminui as possibilidades de engrandecimento e capacidade crítica daqueles que passam por ela. Para levantar críticas à educação que forma para a técnica é preciso pensar em mudanças que podem ser feitas na mesma e nos que nela estão envolvidos.

A pesquisa bibliográfica feita neste trabalho se dá através do fichamento de textos e resenhas de livros do autor Friedrich Nietzsche. Além de a busca por documentos curriculares referentes Pedagogia Tecnicista.

Sendo dividida em três capítulos em que primeiro fará uma descrição histórica do conceito de Niilismo no ocidente partindo da origem da própria palavra, suas aplicações e utilizações na filosofia antiga. Citando também sua relação com diferentes doutrinas religiosas. A descrição do conceito a partir do filósofo alemão Nietzsche e sua utilização para formular criticas os escritos de Platão e o cristianismo. Assim como a descrição dos conceitos que o mesmo utiliza na composição de tais críticas.

O segundo capítulo está dividido em três apêndices. Em que o primeiro trará um levantamento com relação à crise da modernidade e das instituições escolares segundo pesquisadores de Nietzsche. O segundo fará uma breve descrição da Paidéia enquanto importante período na história da humanidade e da formação do homem grego. Assim como fonte de inspiração para pensar a educação atual. E o terceiro a apresentação da pedagogia proposta por Nietzsche a partir da visão de pesquisadores do mesmo.

O terceiro e último capítulo concentra-se na realidade das instituições escolares brasileiras e a aplicação da Pedagogia Tecnicista. Elencando os conceitos descritos por Nietzsche, as características da Pedagogia Tecnicista e a educação atual. Trazendo o conceito de *Niilismo educacional* cunhado por mim ainda na graduação durante a construção da monografia.

O Produto Didático, item final deste trabalho, trata-se de um jogo de tabuleiro com características de RPG que propõe aos educandos uma narrativa fictícia em que seres mágicos precisam salvar a Floresta Encantada em que residem da invasão de um homem. Todos os personagens que compõe o jogo foram baseados em conceitos e questões referentes ao niilismo.

1. Niilismo

1.1. Niilismo na Filosofia Ocidental

A palavra niilismo deriva da palavra nihil, do latim, que significa “nada”. Tal conceito é amplamente debatido na filosofia e é descrito por diferentes filósofos de acordo com a exposição de suas ideias. Porém é compartilhada com diferentes pensadores a ideia de que o nada é a negação do ser.

> Na filosofia grega, essa ideia surgiu de várias maneiras como problema de negação do ser, como problema da impossibilidade de afirmar o nada, etc.. Foi comum a muitos pensadores a ideia de que o nada é a negação do ser. O que há para já, é o ser e quando se nega esse ser aparece o nada (MORA, 1978, p.194).

No trecho acima o *ser* deve ser compreendido como aquilo que é ou a que se atribui algo. Pois o ser é tudo aquilo que existe dentro da realidade e negar a existência do ser causam o desaparecimento de sua essência. Ou seja, o próprio nada. Segundo Mora, a relação do ser e o nada se dão no contraste entre o ser e o não ser. Em que um é a negação do outro.

A negação do ser e a valorização do próprio nada são a essência do conceito do niilismo. Que não trará apenas essa ideia, mas também a noção de perda do sentido das coisas e a negação da vida em prol de valores. Que foi apresentado inicialmente em a *Alegoria da Caverna*, no Livro VII, de “*A República*” de Platão. E posteriormente no cristianismo, em que há valorização da vida após a morte que se perpetua até a atualidade. Segundo Abbagnano, o niilismo pode ser compreendido da seguinte forma:

> Termo usado na maioria das vezes com intuito polemico, para designar doutrinas que se recusam a reconhecer realidades ou valores cuja admissão é considerada importante. (ABBAGNANO, 1998, p.723)

As doutrinas citadas no trecho se referem aos que pautam a vida em noções de valores superiores estabelecidos socialmente para os homens, e que devem ser seguidos com o intuito de alcançar um novo mundo em que suas vidas seriam melhores e mais completas.

Essa é uma característica presente na doutrina de Platão descrita na *Alegoria da caverna*. Em que os homens têm seus corpos presos por amarras no fundo de uma caverna e necessitam libertar-se delas para que possam contemplar a Luz do Sol, compreendida aqui como o mundo verdadeiro. Por estarem presos em única direção e com sua visão direcionada a sombras projetadas no fundo da caverna, os mesmos são podados de sua plena existência enquanto homens. Pois suas percepções, sentimentos e características desenvolvem-se de acordo com aquilo que veem e percebem ao seu redor. Apenas ao libertar-se das amarras poderão contemplar o mundo verdadeiro. Somente após ter tal visão seriam capazes de exercer a sua plenitude enquanto um homem dotado de conhecimento e entendedor da verdade.

Eis a relação desta doutrina com a negação do ser. Essa negação ocorre a partir da impossibilidade dos homens de viverem plenamente. Pois condições pertinentes à realidade do homem são minimizadas para que o mesmo trilhe o caminho do conhecimento e encontre a verdade. Apesar de não haver a negação da existência do homem o mesmo é descaracterizado enquanto ser humano.

A doutrina cristã, que se enraizou no ocidente, tem seus fundamentos baseados na própria teoria de Platão. Esse embasamento é mais evidente na Igreja Católica, porém traz uma concepção diferente do que seria o nada. Mora coloca tal concepção da seguinte forma:

> O pensamento cristão substituiu o princípio segundo o qual do nada não advém nada pelo princípio segundo o qual do nada advém o ser criado. A concepção de que Deus criou o mundo do nada transformou inteiramente as bases da especulação filosófica e teve grande influência na filosofia moderna. (MORA,1978, p. 194).

Segundo a teoria cristã, Deus cria o mundo e a vida dos homens a partir do nada utilizando de suas próprias forças e vontade para tal realização. Ao encerrar a criação determina ao homem diretrizes que devem ser cumpridas de forma que ao final sua vida poderá viver junto a Ele na terra prometida. Ainda que Deus seja um ser existente na realidade, Ele poderia ser compreendido como o nada de onde surgem todas as coisas. Pois o próprio nada também se configura como que é.

Tais doutrinas se caracterizam como niilistas pela necessidade da negação do ser para que o mesmo alcance um ideal determinado. Na doutrina platônica o ser é negado no sentido das possibilidades vedadas de sua existência ao manter-se amarrado e com o conhecimento limitado. Enquanto na doutrina cristã o ser é negado ao abdicar de suas vontades com o objetivo de alcançar um novo mundo. Em ambas o homem tem características pertinentes a plenitude de sua existência negadas enquanto ser.

O niilismo apresenta-se como um movimento filosófico apenas no fim do século XVII e no início do século XIX, associado à crise da modernidade. Só então filósofos passam a utilizar o termo e a reconhecê-lo na sociedade. O conceito passa a ser então compreendido não apenas como a relação de existência do ser e do nada, mas com a negação do próprio ser.

Com a difusão do pensamento cristão e suas ideias pelo ocidente, ainda na Idade Média, a sociedade passou então a guiar-se moralmente através das suas regras. Junto a elas valores superiores foram impostos aos homens, assim como a ideia de um mundo novo que os esperava após a morte. Para que tal mundo fosse possível de ser conhecido, os homens necessitavam guiar suas vidas de acordo com aquilo que lhes era imposto. Esperava que se comportassem de forma dócil e educada. Que honrassem suas famílias e garantissem que seus descendentes seguissem os mesmos caminhos de vida. A doutrina cristã era a única representação religiosa aceita.

Após ter passado por algumas modificações e aperfeiçoamentos o conjunto de regras, conceitos e ideias são inicialmente cunhados dentro da moral cristã tornou-se a base de consolidação moral do homem ocidental no período da modernidade.

Entre os anos de 1880, o filósofo alemão Nietzsche traz para seus trabalhos filosóficos o conceito, ainda pouco trabalhado, do niilismo. Ele o expõe em suas obras ainda de forma branda e sem denominá-lo. Trazendo ao conceito fortes críticas e o utilizando como uma maneira de apontar as doutrinas que traziam em suas entranhas amarras aos homens do ocidente.

1.2. Niilismo de Nietzsche

O conceito do Niilismo está presente em diversas obras de Nietzsche ao longo de sua trajetória como filósofo. Como por exemplo, “*Genealogia da Moral*”,

"*Crepúsculo dos Ídolos*" e "*O Anticristo*". Ele utiliza deste conceito para descrever aqueles que pautam a vida em valores compreendidos como superiores. E que negam as suas vontades em prol destes valores.

Ao fazer sua crítica ao niilismo, Nietzsche coloca que o mesmo teve sua origem ainda na antiguidade com as ideias de Platão, Sócrates e o Cristianismo. O filosofo alemão traz em seus escritos à tendência negadora da vida nos dois pensadores e na doutrina cristã. Em que há espera de uma nova oportunidade de melhoria de vida em um mundo melhor do que o que o homem se encontra.

Ao apontar Platão como um niilista, ainda na Grécia antiga, Nietzsche refere-se à *Alegoria da caverna* que consta no livro VII, de "*A República*", em que se propõe uma divisão entre os mundos sensível/inteligível e suprassensível. O mundo sensível é aquele onde se encontram os escravos amarrados dentro de cavernas, vivendo de sombra e ilusão.

> Suponhamos uns homens em uma habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz que se estende por todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoço, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente: ... Um fogo se queima ao longe, em uma eminencia por detrás deles; entre as fogueiras e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo no qual se construiu um muro, no gênero dos tapumes que os homens colocam diante do público, para mostrarem suas habilidades por cima deles. (PLATÂO, s/d, p. 315).

Por outro lado o suprassensível é o mundo fora da caverna que só pode ser conhecido através da busca pelo conhecimento, entendimento das coisas e o próprio ato do filosofar. Esse mundo se mostra entendido como superior ao sensível, pois traz as coisas na forma em que elas verdadeiramente são. Os homens que alcançam o suprassensível são os que conseguiram se libertar de suas amarras e contemplar o belo.

> Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para a imagem dos homens e dos outros objectos, reflectidas na água, e por último para os próprios objectos. (PLATÃO, s/d, p. 317).

Platão descreve o mundo sensível como um mundo inferior. Ele é apenas para os fracos, que não buscam o conhecimento e não são capazes de enxergar as suas próprias amarras. Enquanto o mundo suprassensível é descrito como o mundo da contemplação e daqueles que tiveram a coragem de romper com suas algemas, escalar até a entrada da caverna, passar pelos objetos manipulados, pelos homens e puderam enfim contemplar a luz do Sol. Alcançar a sabedoria. Esses últimos são considerados sábios e detentores de conhecimento. Em suma, os filósofos.

> - O filosofo grego passava pela vida com o sentimento secreto de que havia muito mais escravos de que se imaginava – ou seja, de que era escravo todo aquele que não fosse filosofo; seu orgulho se inflava, ao considerar que também os mais poderosos da terra contavam entre esses escravos seus. Também esse orgulho nos é estranho e impossível; nem metaforicamente a palavra “escravo” tem para nós a sua plena força. (NIETZSCHE, 2002, p.68 – 69).

Deste modo, para adentrar ao mundo suprassensível seria necessária a negação da vida, mesmo que sob as amarras, existentes no mundo sensível. Uma vez que no suprassensível todas as coisas são absolutas e concretas. No entanto, para Nietzsche divagar sobre um outro mundo é algo sem sentido.

O conceito da dualidade de mundos desenvolvido por Platão serviu de base para a construção do cristianismo na Idade Média. Em que o homem é um ser preso às amarras do pecado e deve viver em busca de sua própria purificação, para que possa após a sua morte habitar o Reino dos Céus. Assim como na “Alegoria da caverna” a imagem que prevalece é a do homem que liberta-se de um mundo em que vive preso a amarras para habitar em outro livre e cheio de esplendor.

Nietzsche faz sua crítica e condenação à moral existente na vida cristã alegando que ela se pauta em juízos e condenações e não na plena existência do homem. Para o autor há maior preocupação em determinar aquilo que deve ou não ser feito pelo individuo ao longo de sua vida, assim como condenà-lo por suas escolhas, pois todo homem ser dotado do livre arbítrio há um caminho a ser seguido, caso contrário, ele será julgado e pagará o preço se não o fizer.

Por isso o filósofo ao fazer uma análise da imagem de Jesus Cristo perante o homem, o denomina de indivíduo soberano, por ser o único que veio à Terra com autonomia moral, vontade própria, poder e liberdade. O único homem capaz de conter as características tão desejadas pelos homens comuns.

> ...o individuo soberano, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, individuo autônomo supramoral (pois autônomo e moral se excluem) em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas. (NIETZSCHE, 1998, p.49).

A moralidade cristã não se pautava em valores descritos na Bíblia, mas também era uma forma de domínio do homem. Pois se fazia necessário que este fosse contido e instado a controlar a si mesmo, para que a ordem social fosse mantida de acordo com as decisões impostas por aqueles que se julgavam superiores moral e intelectualmente, em relação aos demais.

Ao realizar uma análise de como a figura de Jesus Cristo é apresentada aos homens na Bíblia, Nietzsche coloca a este foram dados os três grandes poderes cobiçados por aqueles ditos superiores.

> Ele merece as “três coisas” - e como com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres de vontade? (NIETZSCHE,1998, p.49).

Poderes esses que são exatamente aquilo que os homens, ditos superiores, desejavam. Esses homens ocupavam o posto de sacerdotes da sociedade buscando domínio daquilo que constitui o mundo: a si mesmo, as circunstâncias e a natureza. Ao terem o domínio destas três esferas eles poderiam então tornarem-se livremente julgadores dos demais, tendo como base apenas a sua própria crença, isentando-se de sua responsabilidade no ato de julgar.

> Juízos, juízos de valor sobre a vida, pró ou contra, não podem, por fim serem nunca verdadeiros: eles só têm valor como sintomas, são levados em consideração apenas como sintomas – em si mesmos tais juízos são uma estupidez. Temos que estender por completo os dedos e fazer a tentativa de compreender essa admirável finesse, a de que o valor da vida não pode ser estimado. (NIETZSCHE, 2014, p.18).

Ao isentarem-se de sua responsabilidade no ato de julgar e estimarem o valor da vida apenas a partir de sua ótica, os sacerdotes teriam então a livre execução do juízo de condenação, restringindo a vida dos demais homens à mera busca pelo mundo perfeito, os encorajando para a auto aniquilação, com a promessa de uma vida duradoura, porém empobrecida. Uma vida em que sua potência e instintos devem ser negados e suprimidos, uma vida pautada na morte.

Para o filósofo a elucidação do que seriam tais valores para o homem serviram de fundamentadores para a concretização do Niilismo em suas obras, como, por exemplo, a valoração do homem. Algo que segundo o filósofo, se dá a partir daqueles que se consideram superiores em posição, ou seja, os nobres. Que estabelecem diretrizes de pensamentos para si e aos demais, desqualifica-lo que se opõe a estas diretrizes.

> Foram os bons mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e aos seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, e vulgar e plebeu. Desse phatos de distância que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade. (NIETZSCHE, 1998, p. 19).

No trecho acima o autor refere-se aos nobres como bons, os superiores aos demais, por si mesmos se apropriaram da possibilidade de cunhar valores que posteriormente seriam transferidos a sociedade. O entendimento da ação desses homens não se limita à apenas a questão social, à conjuntura que os envolve a dimensão da vida como um todo. Estes são os homens que valorizam a sua própria plenitude, buscam a satisfação pessoal através de suas vontades e ainda assim tem poder sobre si mesmos. É a partir desta observação que o filosofo questionará quem eram esses homens nobres e o propósito com o qual impõem seus valores.

Os nobres, ao se colocarem em uma posição de superioridade aos demais, tomaram para si o direito da criação de valores determinando aquilo que era bom ou ruim para os demais. Esse ato se deu não apenas pela sua posição social elevada, mas também pelo seu pensamento livre e conhecimento de si próprios. Pois ao terem tais conhecimentos frente aos demais, tinham a capacidade de compreender antecipadamente o que lhes poderia prejudicar o favorecer de alguma maneira. Por isso os valores por eles criados pelos nobres favoreciam de forma direta ou indireta a sua classe, reafirmando a oposição entre os nobres e os plebeus.

Em seus escritos, Nietzsche descreve que no início da civilização a casta dos nobres era representada pelos bárbaros, que eram dotados não apenas de força física, mas também de força psíquica e que assim dominavam os demais com facilidade. Posteriormente os nobres passaram a ser representados pelos aristocratas, que buscavam sempre a elevação do homem. Elevação essa que se dava através da força física ou de suas colocações sociais. Com a união da força física, psíquica e social os nobres colocavam para baixo os homens que eram considerados mais pacíficos e calmos.

Ainda em sua linha de questionamentos, Nietzsche volta-se para a questão do que seriam os valores e a moral do homem. Ao se aprofundar sobre o que de fato seria a moral, o filosofo constata que esta não pertença ao indivíduo, mas lhe é imposta outro alguém que se encontra em posição social e psiquicamente elevada.

> Moral: desprender-se do engano dos sentidos, do devir, da história, da mentira – história não é outra coisa que a fé nos sentidos, fé na mentira. Moral: dizer não a tudo que rende fé aos sentidos, a todo resto da humanidade: tudo isso é povo. (NIETZSCHE, 2014, p. 25-26).

A partir da citação acima se pode fazer uma crítica à moral cristã, a mais visivelmente imposta ao homem. Em que há a adoração e a devoção por algo/alguém do qual não se pode ter certeza de sua existência. De modo próximo à concepção de um mundo suprassensível, em que o homem deve libertar-se de suas certezas para trilhar o caminho da descoberta do conhecimento e, assim, alcançar o mundo verdadeiro.

Essa moral cristã, ainda que não possa ser comprovada, é a força destes homens. É sobre ela que pautam sua vida com a finalidade de alcançà-la. E quando não alcançam seus objetivos, questionam as razões, procuram identificar o porquê da sua não concretização e elaborando diversas explicações para os erros que possam ter cometido. Eis o perfil do cristão.

Para além da perspectiva cristã, a moral pode também mostrar-se como um sintoma de força ou fraqueza vital. Um fenômeno ou uma expressão de algo interior. Por isso, o filósofo, diz que a moral foi dividida em duas: a moral dos senhores e a moral dos escravos, sendo os primeiros superiores.

> Há uma moral dos senhores e uma moral dos escravos; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre duas morais, e, com ainda maior frequência, confusão das mesmas e incompreensão mutua, por vezes inclusive dura coexistência – até mesmo nem homem, no interior de uma só alma. (NIETZSCHE, 2005, p.155).

Por serem superiores, os senhores, homens nobres, criaram a sua própria moral contrária àqueles considerados escravos. Estes ditos superiores, já não são apenas os mais bárbaros, mas sim uma classe dominante, que tem consciência de sua superioridade sobre os demais. O nobre é aquele que cria valores a partir de si mesmo e, assim, julga os demais. É o que tem orgulho de si e de tudo aquilo que é poderoso, ele honra aquele que tem poder sobre si. Diferente dos escravos, homens que oprimem a si mesmos e por isso são cheios de inseguranças, são desconfiados, incrédulos, inofensivo, fáceis de serem enganados e anseiam pela sua liberdade. O escravo é o que se pode compreender por *um bom homem* na Grécia antiga. (NIEZTSCHE, Além do bem e do mal, p. 156)

A partir da divisão da moral Nietzsche inicia sua escrita sobre o conceito de bom. O filósofo descreve que tal conceito nasce ainda na pré-história, quando os mais fortes impunham-se aos demais devido a sua força e vitalidade. Criando-se o que o filosofo chama de casta aristocrática, a nobreza.

> ..., as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem a mesma transformação conceitual – que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito para o qual necessariamente se desenvolveu “bom”. (NIETZSCHE, 1998, p. 29).

Pois “bom” trata-se de um adjetivo. Uma caraterística aplicada ao homem distinto e determinado. O homem bom, não como aquele que é passivo e compreensível, mas aquele que é nobre. Que tem consciência da sua diferença com os outros. O homem que define os valores sociais a partir de si mesmo. A casta dos aristocratas. Segundo Nietzsche, as principais características dessa casta são: 1°) A disputa: a luta de uns contra os outros para se fortalecer. 2°) amantes da ação: gostam de aventuras, correm atrás daquilo que desejam. 3°) Exaltam a beleza em si mesmos. 4°) Fazem nomeações de acordo com seus interesses. 5°) Podem fazer explodir para fora todos os seus instintos humanos. Os aristocratas podem executar sua raiva, dor,

frustração, felicidades e demais desejos. Em suma, os aristocratas amam o mundo e a vida como ela é, e a tem como o centro de todos os valores. Tal conceito se opunha ao conceito de “ruim”.

> Todo erro em qualquer sentido é a consequência da degeneração do instinto, da desagregação da vontade: com isso, já quase se define o ruim. Tudo que é bom é instinto – e, por consequência, leve, necessário, livre. (NIETZCSHE, 2014, p. 41)

Se o homem bom valorizava a si mesmo e seus instintos, o homem ruim era aquele que desvalorizava a si mesmo. O homem medroso, mesquinho e mentiroso que se deixa rebaixar perante aos demais. Este homem era considerado desprezível, um covarde.

Com a dualidade dos conceitos e características dos homens, Nietzsche coloca que em determinado momento histórico, inicia-se, na casta dos guerreiros, uma disputa entre os ditos iguais iniciada quando alguns homens perceberam a fraqueza de seus companheiros.

Os vencedores permaneceram como senhores e os perdedores foram escravizados. Escravidão que acorreu com a negação da possibilidade de expressar os seus instintos e seus sentimentos. Ao negar os seus instintos os escravizados internalizaram seus sentimentos e vontades. Com tal a internalização de si mesmo desenvolve-se no homem o que Nietzsche denominou de Ideal ascético.

> O ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência: indica uma parcial inibição e exaustão fisiológica, que os instintos mais profundos, permanecidos intactos, intensamente combatem com novos meios e invenções (NIEZTSCHE, 1999, p. 109 - 110)

Dessa forma o Ideal ascético assumia o papel de manter vivo dentro dos homens todos os seus desejos e instintos pulsantes tornando-se um artifício a favor da vida que seguia uma moral que a direcionava para a morte.

O filosofo coloca que tal ideal ajudou a construir a casta dos sacerdotes ascéticos.

> O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder de seu desejo é o grilhão que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem. (NIETZSCHE,1998, p. 110).

Segundo o autor, os sacerdotes negam a expressão dos instintos e vigiam a moral dos demais, apreciam a interiorização dos hábitos. Negam a guerra, o desejo, e as suas próprias vontades, internalizam seus sentimentos. Nietzsche coloca que esta casta tem o desejo da vingança para com os guerreiros, porém não dispõe de força para tal. A maneira que encontraram para dar ensejo à sua vontade foi apresentar ao mundo a possibilidade da anulação do sentimento da vida. Aquilo que é de mais valioso para os guerreiros.

Apresentando ao mundo a possibilidade da anulação da vida os sacerdotes deram a todos os que se acovardaram em relação a si próprio, um alento. Negar a vida, não diz respeito a escolher em que conflitos se deseja estar, mas sim retirar-se de todos eles. Negar a felicidade, a tristeza, os desejos, as necessidades e as ansiedades. É negar a possibilidade de uma renovação da vida, em que a cada mudança manifesta-se de forma diferente.

Os sacerdotes negam a vida, pois a avaliam a partir de suas próprias experiências. Para eles, sendo ela vida cheia de sofrimento, idealizam como uma vida sem a dor. Por isso, afastam-se do sentimento, do instinto e do impulso. Pois ao proporem uma vida sem tais elementos, propõem o afastamento da vida concreta, de modo que depositam instintos no nada. Assim dá-se o Ideal Ascético, definido também como o melhor instrumento de poder dos sacerdotes.

> O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que se pertence, “natureza”, “mundo”, toda esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação a uma existência inteiramente outra, a qual exclui e a qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para outra existência. (NIETZSCHE,1998, p. 106).

Os sacerdotes então se voltam para as mesmas questões postas em Platão e na moralidade cristã. A vida atual se apresenta uma como forma de adentrar em uma nova vida. Mas uma nova vida que se descreve com a incerteza de sua existência. Uma vida que requer não apenas a negação de seus instintos, mas a apropriação de morais e verdades que não são do homem que a vive, mas impostas a ele por uma moralidade construída e enraizada na sociedade ocidental, internalizadas neste homem desde os primeiros momentos de sua existência. Ele torna-se assim um escravo, que internaliza seus sentimentos, seus desejos e suas vontades, internalizando si próprio. Sua vida, assim, se volta para o nada, para a incerteza de uma vida melhor após a morte. Uma vida, que para Nietzsche, simplesmente não irá existir. Visto que, não apenas os sacerdotes, mas toda a moralidade cristã passa a depositar seus instintos vitais no pós-morte. O filósofo entende que foi a partir deste momento que houve a transformação dos valores passando do bom para o bem.

Enquanto o “bom” tratava-se de uma característica do homem, o conceito de “bem” trata-se de um valor posto a todos os homens, mas que lhes ultrapassa. estando inserido dentro da suas próprias existências e da sua humanidade. Dessa forma o “bem” não lhes é um valor inicialmente imposto.

Porém, a partir das transformações sociais e de novos entendimentos comportamentais, o conceito de “bem” passou a ser compreendido de outra maneira. De modo análogo a como acima fora descrito ao homem como ele deveria portar-se frente aos demais e na sociedade transformando suas características, o “bem” foi igualmente modificado passando a ser entendido como um valor imposto que todos deveriam seguir

Com o abandono do conceito “bom” e a incorporação do conceito de “bem” o próprio homem mudou seu comportamento em relação à vida e internalizou a si mesmo e seus instintos.

Nietzsche coloca que os sacerdotes oferecem o Ideal Ascético aos escravos como uma fonte de arrefecimento para o sofrimento, que torna possível o desenvolvimento de uma união das duas castas e o consequente fortalecimento destas por tal união. Ambas as casta que são desprezadoras da vida, por não encontrarem dentro de si vontade o suficiente para expressarem seus instintos e desejos, e agem por deslegitimar a vida e também aqueles que a vivem pela vontade, pelos instintos e desejos, depositam na figura de Deus o foco principal de sua existência. O que para Nietzsche seria o nada.

A união dos sacerdotes e dos escravos transformou os conceitos da moral e causou uma revolução no ocidente: a criação do cristianismo. Que passou a ser seu principal suporte para a construção de uma nova sociedade e seus valores morais.

> ...em suma, eles pensam no ideal ascético como o jovial ascetismo de um bicho que se tornou divino e ao qual nasceram asas, que antes flutua sobre a vida do que nela pousa. Sabe-se quais são as três palavras de pompa do ideal ascético: humildade, pobreza, castidade: observemos de perto as vidas dos grandes espíritos fecundos e inventivos – todas as três serão sempre encontradas até certo grau. (NIETZSCHE,1998, p. 98).

O ideal é posto pelos sacerdotes como uma forma de vida simples, porém seu principal objetivo é opor-se ao modo de vida aristocrática. Pois à aristocracia não cabe à humildade, mas sim a exaltação de si e seus próprios atos. Não cabe a pobreza, pois que é composta pelos nobres. E não cabe a castidade, pois os que dela fazem parte, entregam-se aos seus desejos.

Ao conseguirem impor novos valores e um moral a ser seguida, os sacerdotes impõem também uma nova maneira de viver, em que deve haver a aniquilação dose instintos. Segundo Nietzsche, por tal imposição, a vontade de vingança dos sacerdotes para com os nobres enfim se realiza. Assim também triunfa o ressentimento, a raiva, a internalização dos sentimentos e a morte sobre a vida. Pois que para o cristianismo é necessário morrer para alcançar vida plena. Agora, impera a negação da vida.

Apesar da imposição de um ideal que se baseia principalmente na negação da vida e no lançamento dela para o nada. Nietzsche traz o conceito de vontade de potência, que pode ser interpretado como o conjunto das forças contidas na natureza e no homem, e que atua sobre a própria vontade, liberando então todas as forças contidas no mundo.

> Supondo que se pudesse reconduzir todas as forças orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é um só problema-, então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder. (NIETZSCHE, 2005, p. 40).

A vontade de potência ou a vontade de poder não apenas é a união das forças contidas no mundo, mas também é a representação das forças contidas dentro do próprio homem. É aquilo que dá a ele a possibilidade de expandir-se para fora de si, de realizar seus desejos e de se impor no mundo. Essa força potente que irradia de dentro do homem é pulsante em todos, porém torna-se mais incisiva na figura do *Übermenasch*. É a partir dessa força que ele vai ter consciência da moral que lhe foi imposta e colocar em prática seus desejos.

Segundo Nietzsche, essa vontade pode ser expressa nas formas afirmativa e negativa. A primeira pode ser descrita como a busca do homem para dominar as outras partes da realidade, na medida em que, assim, ele busca a própria expansão e coloca mais de si no mundo. Desse modo, ela é uma forma de afirmação da vida e está relacionada a busca do reconhecimento do que é seu por parte do ser humano. Nietzsche a considerou como a verdadeira nobreza do homem.

Já a segunda, a negativa também expressa a busca o poder, porém ela se dá de forma diferenciada: partindo do domínio que se dinamiza o impedimento dos outros. Por exemplo, ela manifesta-se quando se diz aos demais o que eles podem ou não fazer. Desse modo, ela atua impedindo que a vontade de potência afirmativa seja exercida negando o resto da vida e a realidade. A vontade de potência negativa é a reação de controle sobre a liberação das forças de outras pessoas e pode ser compreendido como, por exemplo, pela ação dos sacerdotes conforme analisada anteriormente.

A partir da moral cristã já imposta no ocidente, ocorre a criminalização dos instintos. Estes passam a ser considerados como algo ruim que deve ser evitado. Com tal concepção o homem cauteloso, resguardado, e de pouca atitude ativa torna-se bem visto na sociedade. Enquanto o homem exterior, que tem atitudes e domina a vida, passa a ser negado. A vontade de potência negativa sobrepõe-se à vontade de potência afirmativa.

Por tal vontade de potência negativa, constitui-se então o conceito do niilismo. Ele advém do processo da formação do homem que nega a própria vida, e que nega a si próprio, sem se dar conta os motivos, razões e caminhos que o levam a tal ato. Mostra-se no homem que segue a moral cristã sem estar de fato envolvido com a religiosidade, aquele que pauta a vida para o nada, para algo que ele ainda irá conquistar, porém ainda sem a certeza de que tal conquista de fato se concretizará.

Inicialmente Nietzsche diz que o niilismo traz dois questionamentos fundamentais para o homem: *negar a si mesmo ou negar aquilo que se venera?*

> Que absolutamente não existe verdade: que não há uma modalidade absoluta das coisas, nem “coisas em si” – Isto propriamente nada mais é do que o niilismo, e o mais extremo niilismo. Ele faz consistir o valor das coisas precisamente no fato de que nenhuma realidade corresponde nem correspondeu a tais valores, os quais são nada mais que um sintoma de força por parte dos que estabelecem escalas de valor, uma simplificação para conquistar a vida. (NIETZSCHE, s/d, p. 87).

Compreendemos que na questão posta por ele há a prática do niilismo afirmativo e negativo. Pois inicialmente é necessária percepção de que o mundo em que se está inserido é moldado de acordo com as necessidades daqueles que ditam as regras – estes últimos postos aqui inicialmente como os senhores e posteriormente os sacerdotes. Se a moral foi constituída de forma a que se pudesse domar e acalmar os instintos do homem, pode se compreender que este que vive em sociedade hoje não o faz de acordo com suas verdades. Pois ele reprime suas vontades, verdades e desejos. Por outro lado, o niilismo afirmativo dá ao homem a possibilidade de se reestabelecer. Apesar de o conceito de niilismo estar distribuído em diversas obras de Nietzsche, ele faz referência direta ao conceito em suas duas formas.

> Pode ser indício de força, pode o vigor do espírito, aumentar até parecerem impróprios os fins que até então desejava alcançar. (convicções, artigos de fé) (-: porque a fé expressa geralmente à necessidade de condições de existência, a submissão à autoridade de certa ordem de coisas que prospere e desenvolva um ser, proporcionando-lhe a aquisição da potencia...); por outra parte, o indício de força, insuficiente para erigir a si mesma uma finalidade, uma razão de ser, uma fé (NIETZSCHE, s/d, p. 86).

Na citação acima Nietzsche faz uma sucinta descrição do que é o niilismo em suas duas formas passiva e ativa. Assim como menciona diversos conceitos que compõem o niilismo passivo. Ao descrever a submissão à autoridade e ordem das coisas refere-se ao niilismo passivo. Por outro lado, que quando fala de indícios de força e vigor que podem aflorar no homem refere-se ao niilismo ativo. As duas formas de apresentação do niilismo são apresentadas de forma mais clara na citação abaixo.

> O niilismo ativo (aktiver Nihilismus), entendido como inquietude e vontade de destruir (XII, 5 (71)) e o niilismo passivo (passiver Nihilismus), entendido como resignação e quietude conformista do animal de rebanho (XII, 9 (35)), remetem a uma doença da vontade humana e, em termos mais gerais, a uma marcha doentia do ocidente marcado pela moral cristã.(ARALDI,1998, p.12).

A dualidade de ação do niilismo na vida do homem demonstra que ainda que ele esteja envolto em uma moral que lhe foi imposta, pode dela libertar-se buscando a vontade dentro de si. Enquanto o niilismo passivo retrata o homem obediente, subserviente, dócil e que suprime a si mesmo e suas vontades, o niilismo ativo traz a imagem do homem que coloca para fora sua força e suas vontades. Este homem coloca em prática suas vontades e confronta aqueles que tentam suprimi-lo. O niilismo ativo é um caminho para a mudança de vida do homem.

Ao debruçar sobre o conceito do niilismo Nietzsche fazia referência à existência do ser humano em sua dimensão ontológica dentro da sociedade, levando-se em conta a sociedade em que o filósofo estava imerso naquele momento. Ainda que o pensador buscasse em fontes distintas como a Grécia antiga e a sociedade ocidental medieval, sua crítica se concentrava na modernidade e sua crise.

Parece-nos que o autor parecia buscar formas de conceder ao homem a possibilidade de reinventar aquilo que lhe fora apresentado como certeza para o seu desenvolvimento. Em seus escritos é possível perceber diferentes figuras que atuam no cenário social observado e desenhado pelo autor. Descrever o niilismo ativo é o demonstrativo de que ele compreendeu as amarras que cercam o homem moderno e vislumbrou maneiras para rompê-las e reergue-las em função das necessidades deste homem.

Em duas de suas obras, “Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino” e “Escritos sobre a Educação”, o filosofo direciona seus pensamentos para a sociedade e a construção educacional da Alemanha de sua época. Apesar de não se utilizar dos conceitos de niilismo ativo e passivo em sua crítica é possível vislumbrar nuances destes nos textos do autor. A partir das críticas cunhadas por Nietzsche e a descrição do niilismo, é possível enxergar na educação formal uma possibilidade para a construção de um niilismo ativo e transformador. Algo que auxiliará o homem a modificar a sociedade e organizá-la em função de si.

2. Modernidade

Neste capítulo farei um levantamento a cerca da crítica de Nietzche a modernidade a partir de diferentes comentadores do filósofo, a Paidéia grega como fonte de modelo para a formação o homem de forma completa e a proposta pedagógica de Nietzsche para a educação alemã descrita pelo próprio autor e outros comentadores de seu trabalho, como referência para uma crítica a educação ocidental.

2.1. Uma crítica à modernidade segundo Nietzsche

Segundo Santos, Nietzsche introduz em seus escritos a crítica ao modelo social vigente, a modernidade, no final do século XIX, concentrando-se na Alemanha daquele período e seus estabelecimentos de ensino. Ocorria, nesta época, a disseminação da cultura. E o compartilhamento da informação torna-se uma das prioridades sociais. “O contexto cultural da modernidade contribuiu para que o saber, antes cultivado pelos antigos através da fala, fosse progressivamente substituído pela cultura livresca.” (SANTOS, 2010, p. 10) O saber oral ao passar pela desvalorização, fez com que o saber escrito e a cultura dos livros enraizassem na sociedade. Dessa forma tornava-se possível a rápida formação e escolarização do homem.

A dimensão cultura[1] nesse contexto passou por um processo de banalização e empobrecimento que tornou possível sua rápida disseminação da sociedade. Construiu-se então a ideia de uma cultura que fosse facilmente compreendida e acessada por todos, as informações que passaram a ser compartilhadas através de veículos jornalísticos. Isso facilitou manipular questões para servir não apenas ao Estado, mas também ao próprio jornalista.

[1] Cultura compreendida aqui como tudo aquilo que nasce do subconsciente popular. Que é fruto de um determinado povo ou região. Ao deter-se em controlar a cultura o Estado poderia então intervir até mesmo naquilo que era considerado popular. Para Xavier (1978), a verdadeira cultura popular é tudo aquilo que é produzido e permanece através da história, Seja ele produzido individualmente ou de forma coletiva. Para ela a cultura popular dirigida torna-se mais uma imposição do Estado no âmbito social. De forma que a produção popular já não é mais relevante neste meio e sim àquilo que interfere politicamente no meio social.

> O jornalista, “o senhor do momento”, acaba substituindo os verdadeiros mestres da cultura e é no jornal que os chamados eruditos (especialistas) irão divulgar seus pretensos saberes para o público. Estão colocados todos os ingredientes para a formação de uma “pseudocultura”, que Nietzsche irá chamar de “barbárie cultivada”. (NEUKAMP, 2007, p. 4)

O filosofo acreditava que ao manter o controle da cultura e das informações, o Estado, aliado aos meios jornalísticos, produziria e manteria sua própria barbárie, como forma de controlar indivíduos e mantê-los com a mente empobrecida e pouco capacitada.

Associado ao controle cultural, passando pelo controle da informação ocorreu então a tomada do controle da educação. Que assim como as demais passou a servir aos interesses políticos de sua época. Como exemplo, citamos a derrota da Prússia por Napoleão, e que encontrou, com isso, como forma de unificação da nação, a obrigatoriedade da escolarização básica. (NEUKAMP, 2007, p. 3)

> A preocupação do Estado, em dirigir e promover a cultura popular havia sido correlata às medidas de escolarização primária compulsória. A escolarização compulsória, por sua vez, fora correlata ao recrutamento militar universal e obrigatório. (XAVIER, s/d, p. 289)

A pesquisadora Miriam Xavier descreve em seu artigo que para Nietzsche, a educação e o serviço militares transformados em obrigatórios e utilizados como método de unificação da nação tomou duas tendências para sua construção: a ampliação e a redução da cultura.

A ampliação da cultura mostrou-a como um utilitário social e político. A partir da sua ampliação e massificação foi possível dominar das ações do homem. Pois a sua ampliação se fez através de critérios para os quais ela devia servir, por exemplo, o mundo do trabalho, a opressão religiosa e a formação de homens que lutem pelo seu Estado contra outros Estados obedecendo tudo o que lhe for mandado. Além de ter produzido influências comportamentais e consumistas como a postura diferenciada para homens e mulheres, os ideais de beleza, roupas, a literatura, a música e estilo de filmes que estariam em destaque, influências alimentares, e entre outros. Dessa forma grande parte da população acabou sendo influenciada pelo mesmo conteúdo e gerando-se a consciência de rebanho, em que todos pensam e agem de modo próximo.

Por outro lado, a redução da cultura se deu pela ação conduzida essencialmente pela ciência e pelo trabalho, em que se encontra a figura do homem erudito, este que se mostrou como é especialista em apenas determinada área do saber. Xavier descreve que para Nietzsche, o estudo e o trabalho em apenas um determinado conteúdo faz com que o homem tenha uma redução de conhecimento do mundo, pois ao concentrar-se apenas em sua área de pesquisa e trabalho pode vir a ignorar as demais e deixar de ser um conhecedor de outras possibilidades. Com isso ele perde a possibilidade de expandir seus conhecimentos a cerca do mundo e da cultura produzida diretamente pelo povo.

Xavier diz que para Nietzsche, ambas as tendências educacionais são devastadoras para a formação completa do diz. Porém a formação do homem erudito causaria maior impacto negativo na sociedade, pois este passou a ocupar o lugar de detentor do saber.

> O homem moderno, o erudito, detém um saber que permanece interior, sem nenhuma relação com a exterioridade da vida. Para Nietzsche, o saber deve impulsionar a transformação da realidade a partir da atuação como força criadora. (SANTOS, 2010, p. 9)

Ao manter todo o saber adquirido ao longo de sua formação, o homem erudito não conclui aquele que deve ser um dos objetivos da educação: a possibilidade de transformar o meio em que se vive. Perde-se então a ideia de educação como forma de criação e de transformação, e volta-se para o controle e separação social.

No ano de 1871, ainda no período de pós-guerra, os estabelecimentos de ensino alemães sofreram grandes reformas estruturais e pedagógicas. Era nítido que a ensino a partir daquele período tinha como ser principal objetivo formar para a ciência. (XAVIER, 1978, p.281)

É a partir desse contexto que Nietzsche faz sua crítica à educação, trazendo a ideia de que é nas instituições escolares que se adquire cultura e se cria um elo entre aquilo que já é patrimônio do povo e o momento presente. De modo que, assim, se torna possível alcançar a liberdade do pensamento.

Porém o próprio autor destaca que as instituições escolares traçaram caminhos opostos aos verdadeiros objetivos da educação. Elas trouxeram para dentro de seu ambiente o já instalado empobrecimento cultural e de informação, e se deixaram tornar mais um dos instrumentos de controle dos homens. Ideias como o igualitarismo e o utilitarismo, são para o autor, formas expressas do próprio niilismo, em que há o

apagamento das diferenças existentes entre os homens, pois a ideia do igualitarismo é de que todos são iguais, não se mostra verdadeira, pois cada homem traz em si suas próprias características.

Apresenta-se então uma terceira tendência pedagógica vigente na Alemanha do tempo de Nietzsche: “A tendência à limitação e concentração, como política de reforço, dominava certos meios eruditos,” (XAVIER, p. 5, 1978) A redução e a concentração da perspectiva cultural, dita erudita, a um determinado número de homens, seria um contraponto frente as duas tendências já citadas anteriormente, porém torna-se importante dizer que tal tendência pedagógica formar não apenas homens eruditos, esses que seriam considerados “privilegiados” frente aos demais.

No entanto, é possível compreender que os primeiros homens seriam franqueados acesso não apenas a uma perspectiva cultural empobrecida e à informação simplificada, algo já posto na sociedade. E não seriam eles concentrados apenas na formação específica de sua própria área. Para este seleto grupo havia a possibilidade de uma perspectiva cultural específica e mais complexa, a fim de que eles acreditassem que se encontrava em um lugar de superioridade.

Essa terceira tendência destacada pelo filósofo foi fundamental para a desejada formação do homem dócil. Aquele que não apenas era um ser erudito, mas também o bom servidor do Estado, obediente a este e sem personalidade. Esse homem apesar de integrante da grande massa e recebedor da cultura simplificada exposta a todos é também um homem erudito que recebe o conhecimento específico e necessário para sua área de trabalho. É também dócil, pois já aprendeu as imposições comportamentais da sociedade, entretanto, estaria em posição de destaque frente aos demais.

A educação assumiria então o papel de formadora desses homens modernos e flexíveis. Os homens do mercado de trabalho.

> A educação deve formar homens atuais e correntes. Os homens devem ser correntes como a moeda é corrente. As escolas devem ter uma exata medida econômica dos conhecimentos dados a cada aluno. Essa medida é uma taxação individual, referida a outra mais geral: a do lucro e a da felicidade. A cultura atual reunira a inteligência e a propriedade. O lucro assumira a categoria de valor moral. (XAVIER, 1978, p. 285)

O homem do mercado de trabalho, não apenas assumiria as características da docilidade e da passividade, mas também da aceitação e da flexibilidade. Que se

entretém com seu trabalho, contenta-se com sua vida e consome o divertimento que lhe é fornecido. A ideia de felicidade e contentamento passa a ser baseado no trabalho e consumo.

Após a análise da crítica à educação alemã feita por Nietzsche, Santos descreve o que ele compreendeu ser a ideia de educação proposta pelo filósofo alemão, em que há a figura do homem livre, criativo e crítico, que tem acesso à perspectiva cultural em larga escala, com estímulo às artes, filosofia, leitura e escrita. E que a concentração do processo pedagógico se daria na metamorfose do homem.

> A metamorfose é muito importante na concepção de Nietzsche, visto que representa as fases do espírito humano até que ele atinja seu potencial criador. Para que o espírito dionisíaco se desenvolva é necessário aceitar a condição de existência humana, suportar os seus infortúnios, procurando sempre superar as condições que tendem a tornar o homem um indivíduo submisso, ou seja, um escravo. (SANTOS, 2010, p. 7)

Sendo importante ressaltar que nesse processo, o homem passaria por estágios de mudança em seu espírito: A introdução ao conhecimento, à absolvição, o processo de criação e, por fim, a libertação. Em que todas as suas potências criadoras estariam livres para seguir seus instintos. Essas etapas fariam com que o homem aprendesse a lidar com os infortúnios de sua própria humanidade, conseguindo então supera-los de forma sadia e, assim evitando se tornar um escravo.

Ainda dentro de sua concepção educacional o pesquisador traz a figura do professor segundo Nietzsche. Ele é visto como um dos eixos centrais deste processo assumindo ainda o papel de modelo de homem para os seus educandos e para os outros dentro da sociedade.

> Ele afirma ser necessário um modelo, um exemplo de vida, para a educação dos homens livres, e este é o papel do filósofo educador, ou seja, deve servir de modelo, não só para os homens do seu tempo, mas para as gerações futuras — eis o significado de Schopenhauer para Nietzsche, o modelo de mestre. (SANTOS, 2010, p. 4)

Schopenhauer exerceu na vida de Nietzsche o modelo de mestre a ser seguido, representando a figura de exemplo para sua formação. A partir disso ele traz não apenas o professor, mas o filósofo educador como um modelo dentro da educação.

O filósofo alemão via em seu mestre as características que ele mesmo prezava em todos os homens. Aquele que enfrentava as questões pertinentes de sua sociedade e demonstrava ter atitude. Em suma, era a expressão do homem superior descrito por Nietzsche.

Assim como também a figura do gênio, descrita em diversas obras do autor, em que este está além do seu tempo, ou seja, rompeu com a moral dos escravos e do rebanho, desenvolvendo, assim, suas potências críticas e criativas modificando o meio em que está inserido.

Porém, ao pensar novamente no Estado e na maneira como este se utiliza da educação como forma de amplo controle social, há para Santos, uma nova crítica de Nietzsche em relação à Filosofia apresentada nas instituições de ensino e o próprio filósofo educador. Pois a partir do momento em que a Filosofia, assim como as de mais disciplinas, tornam-se um instrumento de poder do Estado, ela ajuda a fortalecê-lo.

Ao olharmos para a crítica em relação ao filósofo educador é preciso compreendermos como Nietzsche, a partir da descrição de Santos, enxergava essa figura perante a sociedade. O filosofo educador deveria ser a própria representação do gênio. Seria aquele que auxiliaria na formação de homens livres, dotados do poder da crítica consciente e que iriam contra o poder imposto pelo Estado de todas as formas.

> Em Schopenhauer como Educador, Nietzsche diferencia a forma de o filósofo ver a cultura, da forma pela qual o professor de filosofia a enxerga. Como explicitado anteriormente, o filósofo nietzschiano representa o espírito livre, o gênio, e por isso deve promover a "libertação do pensamento cativo", causa determinante de todo empobrecimento e negação da vida, bem como do processo de homogeneização cultural. Já o professor de filosofia, o filósofo a serviço do Estado, é o homem culto, erudito, e que se empenha em afirmar uma determinada ordem em detrimento da vida, o que o torna "inimigo da cultura". (SANTOS, 2010, p. 12)

Na citação acima Santos demonstra dualidade que Nietzsche propõe sobre o filósofo educador. Percebe-se um incomodo em relação às duas visões apresentadas pelo filósofo alemão. Para Santos o filosofo na descrição de Nietzsche deve ser livre e um libertador de pensamento pré-determinados. Já o professor de filosofia, ainda que em algum momento seja um homem de espírito livre, torna-se um fortalecedor do Estado ao aderir as suas normas impostas e levá-las aos seus educandos.

Santos nos traz a ideia de que Nietzsche pensava ser a posição que o filósofo educador deve ocupar na sociedade.

> O filósofo educador que tem por objetivo destruir o jogo enganoso do vir a ser se equipara ao pescador de homens, visto que ambos tem o mesmo objetivo, destruir os enganos promovidos por uma visão que prioriza um mundo abstrato em detrimento da existência humana, e a partir daí promover o surgimento de um homem, cujo espírito é livre e criador. (SANTOS, 2010, p. 13)

Para o pesquisador, o lugar que o filosofo educador deve ocupar em sua jornada é a de não sucumbir às obrigações impostas pelo Estado e transformar seus educandos em homens de espírito livre e criador, com capacidade crítica e transformadora o meio em que se está inserido. Além de promover a ideia de que a vida, em todas as suas instâncias, deve ser valorizada. Em suma, o filosofo educador é o guia do homem para a sua liberdade e autonomia de pensamento.

O processo educacional descrito nesta seção pelos pesquisadores Xavier e Santos, a partir de seus estudos a cerca dos escritos de Nietzsche, aconteceria a partir do diálogo entre os mestres do passado, a leitura de grandes obras da literatura e a identificação daquilo que ocorre no presente,

Por isso Nietzsche volta seus estudos educacionais para a antiguidade. Pois as culturas que fizeram parte desse período tinham como base a valorização da vida. Contrapondo à sua própria realidade temporal em que todos buscavam a sociedade civilizada e a diminuição da valorização da vida em sua plenitude.

> Essa abordagem de Nietzsche se caracteriza como uma crítica à forma como a modernidade impunha valores que não contribuíam para a formação de um homem livre, que afirmasse sua própria existência. Podem-se compreender essas considerações como a sua resistência à filosofia idealista que predominava em sua época. Entretanto, tais referências se estendem ao cristianismo, este que, segundo Nietzsche preconizava valores que rebaixam o homem a condição de passividade em detrimento do homem criador. (SANTOS, 2010, p. 7)

Na Grécia antiga, por exemplo, a vida era valorizada e considerada bela. Além de ter possuído um modelo educacional que visava a formação completa do homem: a Paidéia.

Revisitar a Paidéia grega como fonte para pensar e questionar a educação, mesmo que na Alemanha do final do século XIX, traz uma visão do que era a educação libertadora da época. A Grécia, como o berço da sociedade Ocidental traz inúmeras referências que podem ser utilizadas como fonte de inspiração para repensar a formação que temos na atualidade.

2.2. Paidéia: a formação do homem grego

A educação na Grécia foi alvo de muito interesse e estudo para Nietzsche, pois o filósofo durante sua formação em filologia leu diversas obras sobre a questão. A sociedade grega como um todo se mostrava muito interessante para o autor que a tomou como referência para realizar algumas de suas críticas e elaborações de conceitos. Por isso, torna-se importante uma breve discussão sobre a sociedade grega e a Paidéia para este trabalho, para, assim como Nietzsche, buscarmos como referência para pensar caminhos para a educação atual. A discussão feita aqui utilizará como fonte de referências as obras “Prefácio a Platão” de Eric Havelock e “Paidéia: a formação do homem grego.” de Jaeger.

Pensar a Paidéia grega é pensar na ampla possibilidade de formação do homem, a começar pela forma como se transmitia o conhecimento por entre as gerações, pois na Grécia antiga essa transmissão se dava pela oralidade, sustentando-se assim até aproximadamente 700 a.C., em que Xenófanes, Heráclito e Parmênides, que podem ser considerados os três primeiros filósofos, apresentaram seus discursos orais aforísticos e como representação de condição intelectual.

> Os recursos da epigrafia, dirigidos inicialmente por Carpenter, forneceram a pista seguinte. Porquanto a epigrafia levou a conclusão de que a cultura grega foi sustentada por uma base inteiramente oral ate cerca de 700 a.c. e, caso isso tenha sido verdade, os primeiros dos assim chamados filósofos viviam e falavam numa época em que ainda estavam se ajustando as condições de uma possível alfabetização futura, condições que, segundo minha conclusão, sedam realizadas lentamente, pois dependiam do domínio não da arte de escrever por uma minoria, mas de uma leitura fluente da maioria. (HAVELOCK, 1996, p. 13)

Com a ausência da escrita, a educação na sociedade grega se dava por meio da oralidade. Eram através dos poemas ritmados e cantados que o povo aprendia. Estes poemas apresentavam conteúdos diversificados, desde histórias envolvendo deuses até contos de guerra.

Os saberes e descrições de práticas sociais ocultas nos versos dos poemas deveriam atingir a todas as pessoas da sociedade grega de forma igualitária. A fim de que pudessem, dentro de suas possiblidades, ter consciência daquilo que fora dito a

elas. Para que tal forma de educar atingi-se de fato seus objetivos os poetas não apenas declamavam seus textos, mas os interpretavam a partir de uma expressão artística denominada *mousike*, que era reconhecida pela sua organização, sucessão de movimentos e reflexões que auxiliavam na recordação dos poemas.

> Adotamos a hipotese de que, muito ao contrário do prazer inconsciente provindo dos movimentos físicos harmônicos, mousike, como uma "técnica" reconhecida, constitua uma convenção complexa destinada a organizar os movimentos e os reflexos que auxiliavam o registro e a recordação do discurso significativo. (HAVELOCK, 1996, p. 169)

Tais declamações não se baseavam apenas na *mousike*, mas também do estilo aforístico, com expressões sucintas de pensamento. Que segundo o pesquisador Havelock, foram utilizados por Xenófanes, Heráclito e Parmênides. Eles não apenas se valiam do aforismo em suas falas, mas que se mantiveram na condição de preparar um povo para que em breve pudessem ser inseridos na cultura letrada. O que resultou na criação de uma maneira de expressão como consequência.

> Essa foi sua tarefa fundamental e que absorveu a maior parte de suas energias. Ao contrário de inventar sistemas a maneira filosófica posterior, estavam voltados para a tarefa primordial de inventar uma linguagem que tornaria possíveis os sistemas futuros. Eis, em linhas gerais, 0 novo quadro que começou a surgir. (HAVELOCK, 1996, p. 16)

Platão faz em seu livro “A República”, críticas duras e fortes à poesia grega, e Havelock, em “Prefácio a Platão” ressalta tais ataques. Ele os destrincha, destacando sua interpretação do pensamento do filósofo acera de tal prática educacional. “Examinemos um pouco mais, por um momento, o tom e a consistência do ataque de Platão. Ele inicia caracterizando o efeito da poesia como "uma destruição da inteligência".” (HAVELOCK, 1996, p. 20) Para entender essa colocação é necessário compreender que a poesia aqui não é vista como a poesia que se conhece atualmente, mas a poesia como obra educacional.

Platão enfatiza que a experiência poética grega era feita em um discurso ritmado que ocultava a pobreza dos versos. “Isto é, Platão ataca exatamente a forma e a essência do discurso poético, suas imagens, seu ritmo,' sua qualidade como linguagem poética.” (HAVELOCK, 1996, p. 21). O pesquisador destaca que o filósofo

ataca os poetas pelo seu domínio de sentimentos e pela versatilidade de sentir tantas coisas ao mesmo tempo. Pois para Platão a educação grega, mesmo dentro do conceito da Paidéia, não se dava como um exemplo de educação moral, mas que exercia a moralidade de forma parcial pelo fato de se valerem, também dos mitos nesse processo educativo.

> Para ele, a poesia como uma disciplina educativa apresenta um perigo moral assim como intelectual. Ela confunde os valores de um homem e o transforma num ser em caráter, privando-o igualmente de qualquer intuição da verdade. Suas qualidades estéticas são meras frivolidades e fornecem exemplos indignos de serem imitados. Assim argumenta o filosofo. (HAVELOCK, 1996, p.22)

Os textos eram por muitas vezes a descrição da vida dos deuses gregos contendo relatos de suas façanhas, aventuras, momentos familiares e o culto que deveria ser feito a eles. Estes deuses, imortais, não se classificavam como os heróis objetivados na Paidéia, assim como não poderiam ser classificados como arquétipos humanos. Os deuses demonstravam ser exatamente o oposto do que se buscava: imortais e corruptos, destemperados e violentos.

> Que orientação moral, pergunta ele a si próprio e a seus leitores, a poesia tradicional pode nos dar? Sua resposta e: muito pouca; isto e, se levarmos a sério as histórias dos deuses, heróis e homens comuns. Elas estão cheias de assassinatos e incestos, crueldade e traições, de paixões descontroladas; de fraquezas, covardias e maldades. A repetição de tais coisas só pode levar mentes jovens e influenciáveis a imitação. A censura constitui a única garantia. (HAVELOCK, 1996, p. 26)

Segundo Havelock, Platão considerava infundada a vida dos deuses como forma de exemplo para a formação do homem virtuoso. Pois os deuses, apesar de mostrarem-se com virtudes, não contemplavam as características que os gregos no entendimento de Platão, buscavam para seus cidadãos. Ao realizar essa observação, Platão também criticou a forma como as poesias eram construídas e contadas. Por isso as dividiu em três grupos, conforme a descrição abaixo.

> Platão propõe uma classificação útil, senão simplista, da poesia em três grupos: ou ela narra o que está o acontecendo, pela própria boca do poeta, ou dramatiza o que está ocorrendo deixando que os

> personagens em pessoa falem, ou utiliza ambos os modos. Mais uma vez, é Homero que o filósofo tem em mente; ele e um expoente do estilo misto, ao passo que a tragédia esta inteiramente voltada para a dramatização. (HAVELOCK, 1996, p.26)

Neste trecho é evidente que ao fazer a distinção do terceiro grupo de características das poesias é a Homero, que Platão se refere, pois sua crítica não se limita apenas às poesias contadas, mas também aqueles que as narravam e encenavam.

Por diversas vezes Platão irá direcionar suas críticas Homero e Hesíodo, questionando-os como educadores bem como e suas como uma forma de manter viva a memória do povo grego. Pois, suas obras, na dimensão *mousike* – poesia com versos ritmados - facilmente se fixavam na memória social.

Já nesta primeira organização educacional grega encontra-se o conceito de areté. Que fazia referência à nobreza. "...O conceito de areté é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a rapidez dos cavalos de raça." (JAEGER, 1995, p.26) Tal conceito diz da excelência humana que pode ser compreendida por: virtude, caráter, lealdade, educação e respeito.

Inicialmente o homem não era possuidor da *areté*. Porém com a amplificação da compreensão do que tal conceito seria ele passa a ser não apenas uma referência à nobreza humana, mas também uma designação para aqueles que fossem portadores de força ou destreza incomum. Ou seja, possuíam atributos heroicos, algo era comum para a sociedade grega.

O termo Paidéia, é o único que pode ser utilizado para definir o que foi a educação na Grécia antiga. "Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que esta coisa se comtempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego." (JAEGUER,1995, p. 2). Tal conceito educacional surge apenas no século V a.C., tendo como significado inicial a formação de meninos. Relacionava-se não apenas com o caráter formativo do intelecto, mas também do espírito do homem e seu corpo, em que o homem era parte da natureza, e a natureza era considerada a representação do todo, o inteiro ou o organismo completo. De modo que o homem era visto como um integrante desse todo e uma célula desse organismo. Era preciso entender essa ordem, do contrário não se poderia viver plenamente.

Esse processo educacional não traria aos seus participantes apenas a construção de seu espírito, mas também a descoberta de si mesmo. Pois o fortalecimento interior traria o crescimento progressivo e a descoberta do mundo exterior, obtendo então uma formação completa que incluía o desenvolvimento do corpo e espírito. Segundo Jaeger (1995), é a união destes dois aspectos que se pode denominar a educação.

Mesmo ao considerar que a educação seja um processo individual, ela é também social, pois a construção de uma comunidade se dá a partir da estruturação de normas que unem seus membros.

> Toda educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, que se trate da família, de uma classe ou de uma profissão, quer se trate de um agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um Estado. (JAEGER, 1995, p. 4)

Normas essas que na sociedade grega eram repassadas à comunidade através de poemas, que eram proclamados nas praças públicas pelos *aedos*, que podemos considerar como primeiros educadores gregos. *"O propósito desses cantores é manter vivos na memória do mundo futuro "'os feitos dos deuses e dos homens"." (JAEGER, 1995, p.67)*. A fala ritmada contida nos poemas fazia com que a população pudesse memorizar os acontecimentos históricos da *pólis* e adquirir conhecimentos a cerca dos deuses. Dessa forma tudo aquilo que era compreendido como pertinente a toda a sociedade era transmitido de forma que pudesse ser compreendido por todos.

Apesar de a educação manter-se com um caráter moral e prático, segundo Havelock, na Grécia tal característica iniciou-se com Hesíodo. Para o pesquisador o poeta colocava em sua poesia a percepção que teve de seu papel enquanto poeta grego. Percebendo como que se dava essa transição a oral e a influência que exercia na sociedade, Hesíodo coloca em seu texto do Hino às musas, o que entende desse papel.

> E porque seu Hino as Musas tornam-se o primeiro documento que possuímos da concepção que o menestrel grego tem de si mesmo e do seu papel na sociedade, do tipo de coisa que se esperava que ele dissesse e do tipo de atuação que deveria ter ao dizê-la. As Musas" quando cantam e dançam, em seus versos, são as representantes epônimas dos próprios poetas. Se ensinam história e profecia, se prescrevem moralidade, dão ordens e fazem julgamentos, isso também trai a pr6pria função do poeta no palco contemporâneo. (HAVELOCK, 1996, p.17)

Hesíodo ao fazer parte dessa transição enquanto poeta, faz seus versos a partir daquilo que ele compreende. Havelock demonstra tal diferença entre os poemas de Homero e Hesíodo, colocando que os hinos homéricos fazem referência ao modo de vida das divindades gregas, definição da função do mundo dos homens e a função do homem no mundo. Já Hesíodo, em seu Hino às Musas, traz uma concepção poética. Há muito dele e do seu papel social. Assim Hesíodo não é visto apenas como um poeta, mas como alguém que tem a consciência de seu papel social.

> Hesíodo não e fundamentalmente um contador de hist6rias, mas alguém que lembra e descreve. Ele não inventa uma viagem por entre a profusão de mobiliário na casa, no curso da qual continua mas acidentalmente manuseia as pessoas. Ele tenta dispensar inteiramente a viagem para reunir uma espécie de catálogo do mobiliário. Volta-se mais diretamente para o mobiliário, isto e, para a organização tanto histórica quanto política e moral da sua sociedade. Esse objetivo não-homérico, que pareceria requerer um novo nível de esforço profissional pode ser visto como concomitante ao seu novo impulso para definir o conteúdo do poema da Musa, em vez de meramente pressupor sua inspiração. Se a narrativa épica funcionava como o registro de uma cultura, podemos dizer que foi Hesíodo quem se tomou consciente do fato, e isso o fez refletir sobre qual era realmente o papel do poeta. (HAVELOCK, 1996, p.118)

Ao dedicar-se aos deuses, ele fornece aos gregos a noção de início e ordem acerca da mística que envolviam os imortais. Em sua obra Teogonia, ele descreve o surgimento dos deuses desde os primeiros, suas linhagens e as condições que os levaram a chegar onde estão. Demonstrando a condição que cada deus representa ao homem, não como seres superiores, mas como ser integrante do meio em que o próprio ser humano está inserido. Assim como também busca mostrar a origem do ser humano na Grécia antiga, pois ao descrever a gênese dos deuses, descreve a gênese do mundo e sua “evolução” até a sociedade grega.

Hesíodo não traz apenas a temática dos deuses em seus poemas, mas também traz uma nova organização para as narrativas míticas gregas. O que caracteriza uma modificação na construção dos poemas deste período em diante. Seus poemas serviam como uma espécie de enciclopédia social, em que o culto a memória se mostrava essencial. Trazendo não só a noção de princípio de tudo, mas da unificação e ordem ao todo.

Em suas narrativas o poeta descreve não só as ações dos deuses para manterem-se no poder, mas as suas demais atitudes. Descreve também os ritos para e oferendas esses mesmos deuses. Devido a tais diferenciais em seus poemas. Por isso Hesíodo tornou-se um importante e referêncial da cultura grega.

Atrelado à educação oral está à memória. Platão ao fazer críticas à poesia de Hesíodo traz a palavra *mnemosine*, em que não há memória por si só, mas a ideia de recordar, registrar e memorizar. Havelock ao falar sobre os poetas antigos faz uma comparação entre o poder de reis e poetas, em que o rei dirige o poder político, enquanto o poeta dirige a palavra. Nesse contexto, o autor defende que ao poeta, como o rei, também é detentor do poder. Já que os poetas, mesmo que inconscientemente estavam auxiliando na construção de uma documentação oral e histórico social grega.

Após tornar-se lei dos Estados Gregos que fossem repassadas para a população preceitos sobre a moralidade, tal atividade como condição denominou-se *techne*. A partir deste momento constitui-se então a noção de uma educação que forma um tipo ideal, tal como ele deve ser. Tendo por fundamental a beleza, a imagem desejada.

Havelock destaca que, A República Platão faz referência ao termo *mimeses*, empregando-a de diferentes formas e em diferentes momentos.

> Na República, Platão emprega-a em primeiro lugar como uma classificação estilística para definir a obra dramática em oposição à descritiva. Porem, à medida que ele avança, parece ampliá-la até abarcar vários outros fenômenos. Quando os compreendemos, algumas das pistas para a natureza da situação cultural grega começam a emergir. Tal palavra aparece quando, no Livro III**,** ele passa do tipo de história narrada pelo poeta para o problema da "técnica de comunicação verbal" do poeta. (HAVELOCK, 1996, p. 37)

O problema descrito como a “técnica de comunicação verbal” do poeta, refere-se a Homero. Para Havelock, Platão argumenta que na comunicação verbal existe diferença entre o método descritivo e a dramatização, alegando que os poemas homéricos se dividem em falas trocadas entre os atores e os discursos do próprio poeta. Por isso ele classifica a poesia de Homero como misto de construção poética.

Para o autor, a principal crítica de Platão à poesia é a sua utilização como forma de educar. Pois cabia ao poeta a função de comunicar ao povo os

acontecimentos da *pólis* e instruí-los a partir de suas construções poéticas. Que poderiam vir a serem utilizadas como exemplo para construção social a cerca de diversos acontecimentos. Os homens teriam apenas que imitar aquilo que estava dado no poema.

> Por conseguinte, mimesis agora torna-se um termo aplicado a situação de um aprendiz, que absorve e repete lições e, por isso, "imita" aquilo que lhe mandam dominar profundamente. A questão torna-se mais clara quando Platão lembra aquele princípio social e educacional anterior, que requeria divisão e especialização de trabalho. (HAVELOCK, 1996, p. 40)

Segundo Havelock, Platão considerava a utilização dos mitos na educação como uma atitude sínica, pois os gregos buscavam portar-se como um homem virtuoso, mas se deparavam com um exemplo reverso. Com isso, Platão tentava demonstrar que a educação grega almejava um objetivo por caminhos que a impediriam de atingi-lo.

Assim, a crítica de Platão volta-se para o procedimento educacional da utilização de exemplos e da repetição das poesias, alegando que não havia uma experiência a ser vivida, analisada ou estudada, mas apenas a memorização e a imitação de algo que aconteceu, ou não, naquela sociedade. Após fazer tais críticas Platão diz que a Paidéia constituída desta forma assume o papel de uma educação de decoração e repetição, e não de transformação do homem.

Tais críticas foram feitas sobre *"A Ilíada*" e *"A Odisseia"* de Homero, que se caracterizavam por narrativas épicas que tinham como principal função ser parte da formação da *pólis*, apesar de ter a característica diferenciada de realização da junção da dramatização e da narração, construindo uma poesia em que há escrita e fala de seus personagens. Que por trazerem muitos atributos da sociedade da Grécia antiga e podem servir como fontes históricas.

Segundo Havelock, Platão destaca que a narrativa épica se organiza de forma a contrapor-se com a religiosidade grega. Em A Ilíada, por exemplo, vai mostrar o conflito entre homens e deuses trazendo a representação da sociedade e do *Ethos* grego.

> Na narrativa épica, a organização humana contrapõe-se a religiosa. Ambas são veiculadas em fórmulas que conferem uma qualidade cerimoniosa a tudo que se fazia ou dizia. Porem a organização religiosa pode fazer exigências próprias, com as quais podem entrar

> em conflito o orgulho e a paixão humanos. Os arranjos políticos humanos devem conformar-se a essas exigências. mas podem surgir situações em que as reivindicações de um são incompatíveis com as de outro. (HAVELOCK, 1996, p. 87)

Não apenas sobre a religiosidade tratava-se o texto do poema, nele as falas de seus personagens e alguns acontecimentos são capazes de revelar como funcionava a organização pública da sociedade e a política governamental, apresentando um código de relações íntimas para com as pessoas envolvidas nesse contexto.

> Adotaremos categoricamente a hipótese de que a própria narrativa esta destinada a ser uma espécie de utensílio, usado como uma espécie de valise literária, que deve manter uma coleção variada de costumes, convenções, prescrições e procedimentos. (HAVELOCK, 1996, p. 84)

Ao ser utilizado como um código social de conduta, é reforçada a ideia apresentada por Platão de que os poetas neste período não educavam, mas cumpriam a função de passar ao povo os *nomos* e *ethos* gregos. Em que segundo Havelock (1996), o *nomos* define o campo de visão mais amplo da sociedade, enquanto o *ethos* mostra-se um sentimento ou reação individual do homem para com seus íntimos e inimigos. Ao utilizar os dois conceitos de forma conectada Homero os colocava em seus poemas, como a conjunção social e individual respectivamente.

Apesar da forte crítica de Platão a cerca das poesias posteriormente muitos estudiosos consideraram que Homero foi um grande educador grego, e que suas poesias foram essenciais para a construção do que foi a *Paidéia*. Para Jaeger, por exemplo, o texto de "*A Ilíada*" apresenta um forte caráter educativo e formador, com pensamentos morais e religiosos.

> A estrutura de A Ilíada assume, deste modo, um matiz ético e educativo, e a forma de exemplo expõe em relevo o aspecto fundamental do caso: a ação construtiva exercida por Nêmesis sobre a consciência. Todo leitor sente e compartilha intimamente, em toda sua gravidade, a decisão definitiva do herói, da qual depende o destino dos gregos e do seu melhor amigo Patrocolo, e por fim seu próprio destino. (JAEGER, 1995, p. 51)

Trazendo a obra com grandes referências referentes ao modo como se conduzia a educação dos jovens, como por exemplo, o momento em que Aquiles é entregue para a vida de guerreiro sem ter experiência e conhece Fênix, que assume o papel de aio do jovem guerreiro e passa a manter com ele uma relação paternal, passando para ele toda a sua experiência de vida e nos campos de batalha. Essa relação entre homem mais velho e mais jovem é uma característica da educação aristocrática grega.

> A tradição das antigas sagas oferece-nos exemplos vivos dessa educação; não apenas figuras de vigor e esforço sobre humano, mas também homens em que cujo sangue passa a corrente viva da experiência, cada vez mais profunda, de uma antiga dignidade, renovado dia a dia. (JAEGER,1992, p. 52)

Tal forma de educar dava aos jovens a mais forte figura do que poderia ser um homem de virtudes. Pois nessa relação educacional transcorrem muito mais do que meros ensinamentos sobre os campos de batalha, mas também afetos e divagações acerca da vida de um homem na *pólis*.

Homero aparentava ser um admirador desta relação educacional. Fênix retratava não só a figura de um homem de virtudes, mas também de alguém que encaminha e demonstra para o jovem a partir de ações como este deve portar-se. Auxiliando em situações novas e difíceis de sua vida. Essa relação é demonstrada não só entre Aquiles e Fênix, mas também entre Telêmaco e seu mentor Mentes descrito em A Odisseia, ao apresentar.

A história do jovem Telêmaco que espera pelo retorno de seu pai, ao mesmo tempo em que lida com os diferentes pretendentes da mãe. Telêmaco é apresentado como um jovem calmo e dócil, de boa conduta, que mantem uma relação entre aprendiz e mentor com seu aio Mentes, disfarce de Atena. A deusa o transforma em um guerreiro com características ousadas e valentes, diferente do jovem apresentado inicialmente na narrativa.

O caráter educacional do texto é observado em dois momentos: primeiramente na ausência do pai e a espera de sua volta e na relação entre jovem e mentor estabelecido entre Telêmaco e Atena.

> A técnica da epopeia permite-lhe reunir na unidade de uma ação única a intervenção divina e o influxo educador natural, fazendo com que Atena fale a Telêmaco na figura do velho amigo e hóspede, Mentes. Este processo aproxima de tal modo à invenção do sentimento humano natural, que ainda hoje nos surge na sua intima verossimilhança. (JAEGER,1995, p. 56)

A intervenção divina, antes mencionada por Platão, é encontrada em "*A Odisseia*" na relação entre Atena e Telêmaco, que apesar do afastamento do pai e das circunstâncias em que fora criado, não se deixa guiar pelos caminhos da perdição. Por ser uma pessoa íntegra, o jovem mantém-se no caminho que lhe é guiado por seus mentores Atena e Mentes, e assim naturalmente compõe-se coma a figura de um verdadeiro herói. Nos limiares da história a epopeia traz novamente a forte característica da formação educacional grega: o uso das figuras de exemplos. Que neste texto se dá entre Telêmaco e seus mentores.

A figura dos exemplos e arquétipos se faz muito presente no caráter formativo através dos poemas e epopeias de Homero. O poeta em "*A Ilíada*" e "*A Odisseia*" traz em seus versos diferentes momentos em que o exemplo do mentor se mostra ao aprendiz de forma que ele possa ser seguido. Tal característica é repetida não só por Homero, mas em diferentes poetas gregos.

> A evocação dos exemplos dos heróis e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda ética e educação aristocrática. Temos de insistir no valor deste fato para o conhecimento essencial dos poemas épicos e na sua radicação na estrutura da sociedade arcaica. (JAEGER,1995, p. 59)

Os exemplos contidos não só nos poemas, mas na própria educação grega, eram uma maneira de buscar formar o homem que futuramente ocuparia a *pólis*. Homem esse que cumpriria o papel de ser um bom cidadão e pessoa de bem. Ao identificar o papel dos exemplos para a educação grega Homero utilizava-se de imagens heroicas em seus poemas.

Ao compreender a função que ocupava dentro da sociedade grega, o poeta não trouxe para seus poemas apenas a figura dos exemplos, mas também conceitos de arte e estética. – que neste período ainda se davam de forma unificada - Ter conseguido compreender não só a sua própria importância, mas dos poetas na Grécia

durante o período em que produzia seus textos, deu a Homero um papel de grande destaque perante os demais.

> A concepção do poeta como educador de seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos gregos desde sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica. (JAEGER,1995, p. 61)

O fato de aparentar ter consciência daquilo que produzia e o impacto que deveria obter na sociedade, como também possibilidade a compreensão de que passava informações acerca dos acontecimentos da *pólis* grega através de suas poesias, fez com que Homero fosse caracterizado como o mestre da poesia e um excelente educador, pois em seus poemas estão expostas as complexibilidades do espírito humano. Com caráter pedagógico intenso e a descrição de fatos com objetivo moral, alguns poemas revelam a intenção de construir um efeito consciente intenso.

> A obra de Homero é inspirada na sua totalidade, por um pensamento "filosófico" relativo à natureza humana e as leis eternas que governam o mundo. Não lhe escapa nada do essencial da vida humana. O poeta comtempla todo conhecimento particular a luz do seu conhecimento geral das coisas. (JAEGER, 1995, p. 76 - 77)

Em seus poemas o autor assumia posições perante os fatos narrados em suas obras, porém sem gerar conflitos. Dessa forma poderia a partir de suas produções causar efeito consciente naqueles que o ouvissem. Seu caráter educacional encontra-se exatamente nesse sentido. Pois para que a poesia possa ser de fato considerada educativa é necessário que ela verse a cerca das profundidades do ser humano e de seus *ethos* de forma que ao fazer essa descrição, aqueles que a ouvem sejam capazes de enxergar uma imagem e um modelo a serem seguidos.

Tais características podem ser encontradas não só nos poemas, mas nos mitos, epopeias e cantos heroicos declamados na Grécia antiga. De forma que cada um deles apresentava características referentes à sua construção e objetivação. Os mitos e lendas heroicas traziam em suas características não só os modelos de exemplos, mas também histórias e enredos a cerca da organização social da época.

> O mito serve sempre de instancia normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal. Não tem caráter meramente fictício, embora originalmente seja, sem dúvida alguma, o sedimento de acontecimentos históricos que alcançaram a imortalidade através de uma longa tradição e de interpretação enaltecedora da fantasia criada da posteridade. (JAEGER,1995, p. 68)

O mito grego tinha a figura dos exemplos não só para a formação individual do homem, mas também para a constituição da própria *pólis.* Segundo Jaeger, suas histórias misturavam o real e o mítico, construindo uma narrativa em que aquilo que poderia dar-se ao homem ao longo de sua vida era apresentado na figura do herói ali presente. Também os acontecimentos sociais em que as problemáticas da cidade eram expressas de forma a mesclar a vida dos deuses, dos heróis e dos homens comuns.

Porém, para que este fosse considerado de fato educativo não bastava apenas que ele fosse apenas uma história fantasiosa ou uma comparação de acontecimentos míticos, mas era necessário apresentar questões como a tradição de celebração do passado. Ou seja, o mito cumpria a função de aconselhamento do homem.

> Ele não é educativo pela comparação de um acontecimento da vida corrente com um acontecimento exemplar que lhe corresponde no mito, mas sim pela sua própria natureza. A tradição do passado celebra a glória, o conhecimento do que é magnífico e nobre, e não um acontecimento qualquer. (JAEGER, 1995, p. 67 – 68)

O mito se mostra assim como na epopeia, que segundo Jaeger, tem como sua principal característica o uso de epítetos decorativos, que são derivados do estilo épico e que atuam como ingredientes da idealização dos fatos, característica narrativa, que é construída de forma que ocultava até mesmo as atitudes irregulares da nobreza. Assume então a principal característica da narração épica e do pensamento primitivo grego: a formulação da idealização do mundo.

Tais características da Paidéia expostas acima, são importantes para que se possa entender o que Nietzsche expõe em seus escritos sobre a educação do homem de forma completa e as referências de seu pensamento. Pois ainda que o filósofo tenha feito grandes críticas ao pensamento de Platão, a importância da Paidéia não deve ser negada.

É possível perceber alguns conceitos educacionais da Paidéia e que são citados por Nietzsche ao criticar e pensar um novo modelo educacional. Como, por exemplo, a figura dos exemplos postos para os jovens e a sociedade na Grécia e a descrição que o filósofo faz da figura do professor como um mestre para seus educandos. Assim como a visita às antigas tradições gregas através da declamação dos poemas e a visita ao passado por meio de literaturas antigas descritas por Nietzsche. Citamos também a utilização das expressões artísticas como processo de formação integral do homem.

Ao localizarmos na história grega tais referenciais para os escritos do próprio Nietzsche torna-se mais fácil compreender o modelo educacional proposto pelo autor.

2.3. Paidéia, modernidade e a Pedagogia de Nietzsche.

Nietzsche faz sua releitura da Grécia antiga e da Paidéia após as mudanças ocorridas nas instituições de ensino da Alemanha em que a formação institucional apresentava três tendências educacionais: a ampliação e redução da cultura, e a formação do homem erudito. O objetivo de tais tendências educacionais era instruir através da ciência. É importante ressaltar neste período acontecia a queda da supremacia religiosa na sociedade e a Alemanha passava por uma modificação de organização social, em que se tinha como objetivo construir uma economia capitalista através das indústrias.

A educação se tornava não apenas um instrumento de interesse do Estado, mas um formador para o mercado de trabalho e para o próprio meio científico atrelado às tendências educacionais citadas acima, encontrava-se a formação através da técnica.

Para o filósofo as escolas técnicas de seu tempo não apenas se utilizavam da cultura exacerbada como uma forma de massificação, mas também como uma forma de reprodução do homem utilitário, pois assim a educação perdia o objetivo de formar homens de pensamento livre e crítico.

> Nietzsche não nega a necessidade de uma educação para a sobrevivência, representada nas escolas técnicas. O que enfatiza é que não há cultura sem o desligamento do “mundo das necessidades”, e que um homem que está ligado à esta luta individual pela vida não pode simplesmente dispor de tempo para

> alcançar a verdadeira cultura. Uma educação que se propõe como finalidade formar alguém para ocupar um cargo de funcionário ou ganhar dinheiro não pode ser chamada de educação para a cultura, mas apenas uma indicação do caminho que o indivíduo deverá percorrer para manter-se vivo (NEUKAMP, 2007, p. 5)

Ao realizar sua crítica Nietzsche percebe que a educação alemã de seu tempo não se configurava apenas como ampliadora de uma cultura pré-selecionada e que formava de acordo com a demanda do mercado de trabalho, e que, assim, acabava por também aprisionar o homem, pelo fato de consolidar uma educação que visava como objetivo máximo fazer com que os indivíduos ocupassem um cargo no mercado de trabalho. De modo que o homem não passava por uma formação emancipatória e cultural a ser empregada na sociedade em benefício de todos, mas passava por um processo de condicionamento e aperfeiçoamento técnico para a função que iria ocupar em um futuro breve.

Tal formação baseava-se na técnica e na especialização dos indivíduos. Essa perspectiva educacional à construção de saberes cada vez mais específicos traz consigo a redução da cultura, das potencialidades de conhecimento e da construção do pensamento crítico, pois ao deter-se de forma centrada em um assunto em específico, os demais se tornam desconhecidos ao individuo. Algo que o filósofo criticava.

Zuben e Medeiros demonstram que Nietzsche apresentava em seus escritos uma possibilidade diferenciada para a educação em que se promovia a elevação da cultura na formação do homem, o oposto do que acontecia na Alemanha de seu tempo. Em face da formação pela técnica e sistematização o filósofo fazia a crítica de que a tendência pedagógica que as instituições de ensino seguiam as descaracterizava e as tornava não educacionais.

> No entanto, tais estabelecimentos, na realidade, não eram educacionais porque, para Nietzsche, a verdadeira educação deve promover a elevação cultural, e a promoção da cultura nada tem a ver com profissionalização, com objetivos pautados em fins econômicos, utilitaristas, que tenham em vista a obtenção de qualquer ganho material. (ZUBEN M. , MEDEIROS R , 2013, p. 76)

Segundo eles, o filósofo considerava tais locais como instituições de instrução que não buscavam dar ao homem a elevação da cultura, mas sim oferecer

capacitação, preparo e a entrega de trabalhadores que serviriam ao Estado. E de forma separada a formação de homens eruditos. A verdadeira educação para Nietzsche traria à sociedade a formação de homens livres e dotados de capacidade para compreender as diferentes formas de conduzir suas vidas.

Nietzsche trazia diversos conceitos para a construção da sua ideia de educação, porém a autonomia e a liberdade ganham maior destaque frente aos demais. A partir destes conceitos é possível realizar uma ligação mais clara entre a Alemanha do século XIX e a atualidade educacional brasileira, bem como o conceito de cultura.

Tendo em referência as instituições de ensino alemãs, o filosofo criticava a ideia construída acerca da autonomia na formação educacional. Nelas o educando era apresentado a situações em que teria a possibilidade de realizar as suas próprias escolhas para buscar elevar-se culturalmente. Algo que para o autor não seria correto visto, por sua ótica, que na juventude o homem ainda não estaria pronto emocionalmente para tal.

Nietzsche acreditava que a educação deveria preparar o homem para alcançar a autonomia quando este estivesse pronto para tal responsabilidade. Para ele o homem necessitava de um guia norteador em sua vida que serviria de modelo ou exemplo educacional, figura essa que poderia ser ilustrada pelos mestres.

A autonomia descrita pelo autor não se caracteriza pela autonomia conhecida no senso comum, em que, apesar de conquistá-la, o homem tem que seguir uma série de regras e normas impostas pela sociedade, já que sua consciência encontra-se condicionada e acostumada com tais comportamentos. Para Zuben e Medeiros, o questionamento que Nietzsche faz com relação ao conceito de autonomia é se este se concretiza quando ainda existem diversas normas a serem cumpridas.

> Portanto, a ideia de autonomia não pode se resumir à tarefa de seguir determinadas regras, valores morais, até porque a validade desses valores não é universal, ou seja, os valores morais são mutáveis. Nietzsche atenta para o fato de que no decorrer da história ocorreram inúmeras mudanças, inversões no que diz respeito aos valores morais e éticos. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 9)

Segundo os autores, o filósofo alemão questionava a autenticidade da autonomia conquistada pelo homem ao longo de sua vida. O filósofo entendia tal perspectiva dentro de certa ordem: em um primeiro momento lhe é dada liberdade para tomar decisões acerca de sua formação quando o indivíduo ainda é jovem e

imaturo, mais tarde lhe é dada autonomia para conduzir sua vida. Porém, essa autonomia não é completa, visto que permanece continua cercado de regras e normas sociais, que devem ser seguidas ainda que nem sempre lhe façam sentido.

Por isso, Nietzsche entende que para que a formação educacional seja de fato eficaz ela deve fornecer ao homem uma ideia de autonomia diferenciada, de modo que lhe deve ser ensinado ao homem que ele não é apenas um reprodutor de normas e regras, mas também um modificador e produtor destas. Com isso o homem poderia ser caracterizado como niilista ativo.

Dentro dessa perspectiva, o filósofo alemão defende que a educação deve fazer com que o homem seja capaz de compreender a raiz da elaboração das regras e das normas que vigoram na sociedade, assim como o momento histórico em que foram criadas e principalmente que tais regras podem ser refeitas a partir do momento em que não fizeram mais sentido para a sociedade. Para Nietzsche, esse é o real sentido da autonomia construída ao longo da formação.

Essa descrição do conceito de autonomia se mostra alinhada ao conceito de liberdade, pois para o filósofo a educação deve formar o homem livre e autônomo.

> A proposta educacional de Nietzsche tem como um de seus objetivos a promoção da libertação do indivíduo. Tal filósofo parecia não concordar com a ideia de liberdade que ele via ser propagada nas instituições de ensino. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 10)

O conceito de liberdade cunhado pelo autor era oposto ao propagado nas instituições de ensino alemãs. A liberdade atrelava-se à economia capitalista que começava a dominar o país na época, em que o poder de consumo era considerado valorizado.

> Ou seja, a noção de liberdade é ligada a desejos, aspirações voltadas para o consumo. É um conceito de liberdade vinculado a fatores financeiros, econômicos. Liberdade é poder atender a desejos de consumo, mas para atender a esses desejos é preciso ter dinheiro, e para ter dinheiro é preciso trabalhar. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 10)

Essa ideia de liberdade foi perpetuada até a atualidade em que as possibilidades de consumo são ligadas à proporção de liberdade que o homem pode ter. Esse que pode ceder aos seus desejos de consumo é o homem livre na sociedade capitalista, é aquele que tem o poder de satisfazer a si mesmo.

Esse ideário capitalista é encontrado também no âmbito da educação em que a formação institucional é posta como uma forma de ascensão social. Tal ideia começou a enraizar-se na educação a partir do momento em que a formação institucional voltou-se para a técnica e teve como um de seus objetivos suprir as necessidades do mercado de trabalho. Tal mudança ocorreu não apenas na Alemanha de Nietzsche, mas também em outros países como o Brasil. Em que a educação formal foi influenciada pela Pedagogia Tecnicista.

Esse é um modelo educacional que forma para o mercado de trabalho, e que traz a ideia de que é através da educação institucional que o homem pode obter grandes lucros financeiros e alcançar a ascensão social. De modo que ao atingir tais objetivos o homem torna-se detentor de capital financeiro que pode ser utilizado não só para custear sua vida em sociedade, mas também para usufruir de seus desejos e vontades. Dessa forma a ideia de liberdade se mantém atrelada ao consumo.

Na visão dos autores, para Nietzsche essa ideia de liberdade aprisiona o homem em uma relação entre o trabalho e o consumo de forma que ele acaba por tornar-se prisioneiro de seus próprios desejos. Por isso o autor defende que a libertação que deve ocorrer para o homem é a do consumo exagerado.

> E o processo de libertação consiste na identificação e abandono dessas convicções, crenças e opiniões forjadas e incutidas socialmente. É justamente por esse motivo que a libertação é condição para a autonomia, pois, se a autonomia é entendida como uma capacidade para a construção de novos valores, antes dessa construção, dessa reelaboração é preciso pôr em dúvida, avaliar e, quando necessário, negar, descartar os valores, os ídolos consagrados atualmente, livrar-se de seus dogmatismos. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 12)

No trecho acima destaca-se a razão pela qual os conceitos de autonomia e liberdade se constroem juntos na pedagogia de Nietzsche. Autonomia para que se possa identificar e compreender os valores sociais em que o homem se encontra

atrelado. Liberdade para que se possam reconstruir tais valores de acordo com a sua demanda social e histórica.

A pedagogia de Nietzsche traz ainda críticas à maneira com que a cultura é tratada nos ambientes de escolarização, como já citado neste trabalho. O conceito de cultura pretendido pelo filósofo nesse contexto não se refere a algo que deve ser sistematizado, mas sim vivido e elaborado.

> A cultura, para tal filósofo, só pode ser construída, desenvolvida pelo estilo, pela unidade, pela criação e experimentação, por isso a cultura autêntica, superior, nobre, não pode se resumir à memorização e reprodução de saberes, e sim é algo a ser criado, experimentado, vivenciado. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 15)

A crítica feita pelo autor recai sobre as modalidades pedagógicas em que há expansão ou minimização da cultura. Compreendendo cultura como algo já pronto e elaborado. Ao pensa-la como uma experiência a ser vivida, compreendida e elaborada o autor constrói a ideia de que a ela está em constante modificação e por isso não pode ser meramente reproduzida.

Por isso a pedagogia de Nietzsche busca a elevação cultural do homem. Elevação essa que lhe dá a possibilidade de engrandecimento. Para o filósofo a educação deve ser uma forma de acentuar as individualidades do homem, criar seres únicos e autênticos, que sejam capazes de pensar por si mesmos. Neste modelo educacional o homem teria possibilidades de elevar sua capacidade de criação e construção.

> O projeto educacional pensado por Nietzsche visa justamente possibilitar o desabrochar desta “aristocracia intelectual”, desta classe de artistas, filósofos, pensadores superiores, autênticos, nobres. Como já ficou evidente, na concepção do jovem professor Nietzsche, o aprendizado ofertado pela educação deve ter relação, ligação, influência direta na vida, no modo de pensar e de agir do estudante. A formação (que deve ser uma transformação constante), ao invés de visar à padronização, à massificação dos discentes, deve desenvolver suas forças criativas, reflexivas, potencializar seus “talentos” individuais, singulares. Pode-se dizer que a educação nietzschiana tem duas metas principais: possibilitar o surgimento do homem superior, e garantir a promoção, a criação, o desenvolvimento da cultura elevada. (ZUBEN M.; MEDEIROS R., 2013, p. 18)

Ao pensar em tal formato para a educação Nietzsche remeteu-se à Paidéia grega, pois nela a formação do homem se dava de forma completa com a valorização das artes e o incentivo à expressão de sua criatividade. A cultura da época era vivenciada e experimentada por todos os cidadãos através dos *aedos* e das narrativas que ocorriam no centro da *pólis*. Os mitos tradicionais eram valorizados e outros novos eram criados de forma que pudessem acompanhar as modificações da sociedade grega da época.

Trazer a crítica de Nietzsche e suas concepções pedagógicas para a atualidade e compará-las com a Paidéia grega é algo importante para compreender as modificações que ocorreram na formação do homem no decorrer dos anos no ocidente. Se inicialmente a educação trazia para fora aquilo de melhor que havia dentro do indivíduo, na modernidade ela volta-se para a formação em prol das necessidades do mercado de trabalho tornando-se técnica e sistematizada, assim como também a perspectiva de cultura que passava a ser oferecida.

No Brasil tal acontecimento repetiu-se, a educação que inicialmente oferecia ao homem determinada perspectiva cultural e conhecimentos artísticos, visto que já havia sofrido influencias das modificações sociais ao longo dos anos, passa a ser organizada em função da formação da mão de obra de forma rápida e eficaz. Tal acontecimento torna-se mais explicito com a chegada da Pedagogia Tecnicista. Com a educação objetivando formar homens que fariam parte de uma grande massa, ela passa a formar também niilistas passivos, que seguiriam ideias, valores, e normas a eles impostas sem compreender ou questionar sua relevância em suas vidas. Perante tal perspectiva, o niilismo educacional.

3. Niilismo Educacional

Neste capítulo apresentarei a Pedagogia Tecnicista como uma tendência pedagógica com forte caráter técnico. Explicitando o conceito de Niilismo Educacional demonstrando que ele apresenta-se como uma variação do niilismo negativo, porém podendo ser transformado em niilismo afirmativo. Para demonstrar que essa transformação pode acontecer utilizarei como base para o texto a experiência da utilização do produto didático, em anexo neste trabalho, em turma de 4° ano do Ensino Fundamental.

3.1. A construção do Niilismo na escola brasileira

O niilismo negativo promoveu-se nas instituições escolares do ocidente a partir do momento em que a vida do homem deixou de pautar-se sobre as regras da Igreja Católica e passou a basear-se nos métodos científicos em que o uso da técnica era à base do funcionalismo social. Acompanhando as modificações da sociedade da perspectiva técnica adentrou as instituições escolares modificando as tendências pedagógicas que serviam como base para a formação institucional. Com isso escolas e ginásios passaram a utilizar-se do método científico como seu principal viés formador.

Momentos cronologicamente distintos separam a inclusão de tal viés pedagógico na Alemanha de Nietzsche e no Brasil. Essa mudança tornou-se mais perceptível nas instituições brasileiras em meados dos anos de 1970, momento em que a Pedagogia Tecnicista foi introduzida no país.

A Pedagogia Tecnicista apresentava-se como uma tendência escolar renovadora que traria ao Brasil o crescimento e a prosperidade que todos almejavam naquele momento. Com as reformas e modernizações industriais que chegavam ao país havia a necessidade de qualificar e preparar os profissionais que atuariam nas indústrias.

Esse novo modelo educacional objetivava dar aos indivíduos a formação necessária para que sua atuação ocorresse de forma mais rápida e efetiva. Outro fator

que o caracterizou como inovador foi o fato de ser um ensino laico e totalmente desvinculado da Igreja Católica.

Sua fundamentação era baseada na formação pela experiência vivenciada através dos desenvolvimentos científicos e técnicos. Atrelado a essa estrutura havia a preocupação em formar cidadãos com conhecimento político. Por isso, se fez presente a defesa de que a instituição escolar deveria ser a reprodução da sociedade em que para que fosse promovida a efetiva preparação daqueles que estavam inseridos nela pela perspectiva prática de uma vivência.

> Trata-se de um "modo de viver" que a escola pode ajudar a construir, fazendo do indivíduo um scius, um membro efetivo da sociedade. Nesse sentido, a instituição escolar deveria estar organizada como espaço de reconstrução da experiência e de formação de novos hábitos, que necessariamente tem efeitos políticos. (MOREIRA, 2007)

A nova tendência pedagógica não se limitava a formar para o mercado de trabalho, mas também a buscar adequar a sociedade para a modernização que o país precisava. A implementação de novas indústrias trazia consigo a necessidade de trabalhadores que soubessem usar seus novos maquinários. Assim como precisavam compreender a nova ordem social que iria se instaurar com a modernização do país. A escola passava a ser uma forma de modificar a sociedade gradualmente, fazendo com que houvesse uma organização da sociedade e todos fossem capazes de lidar com ela.

Essa modificação, apesar de ser creditada como algo rápido a ser executado, não se daria de forma simples. As instituições escolares passariam a ter um caráter de formação técnica, introduzindo métodos de ensino organizados de forma sistematizada, comparado à organização industrial da época. Tal modificação curricular implementada no Brasil, pode ser comparada às modificações executadas nas instituições de ensino alemãs e criticadas por Nietzsche. Pois ambas tinham como um de seus objetivos formarem para suprir as necessidades sociais e formar para o mercado de trabalho.

Para que a nova organização curricular fosse de fato posta em prática nas escolas brasileiras, era necessário formar os professores, para que eles fossem capazes de executá-la. Visto que suas características divergiam da pedagogia educacional vigente.

A aprendizagem baseava-se na psicologia de Skinner[2]. O currículo escolar era organizado de forma que fosse possível criar condições de estímulos produzidos pelos professores em busca de um controle comportamental do estudante, de maneira que em determinadas situações havia um resultado pré-estabelecido.

> As etapas básicas de um processo ensino-aprendizagem são: a) estabelecimento de comportamentos terminais, através de objetivos instrucionais; b) análise da tarefa de aprendizagem, a fim de ordenar sequencialmente os passos da instrução; c) executar o programa, reforçando gradualmente as respostas corretas correspondentes aos objetivos. O essencial da tecnologia educacional é a programação por passos sequenciais empregada na instrução programada, nas técnicas de microensino, multimeios, módulos etc. (LUCKESI, 1994)

O uso da técnica torna-se evidente neste trecho. As etapas do processo de ensino e aprendizagem baseiam-se apenas em normas pré-estabelecidas, limitando as possibilidades de aprendizagem do estudante. Em um primeiro momento destaca-se no item A, a preocupação em estabelecer o controle comportamental do educando, seja utilizando objetivos instrucionais claros ou formas de incentivar resultados pré-determinados. Ao Estabelecer esse controle um dos objetivos da Pedagogia Tecnicista era consumado. Neste ponto é possível perceber uma das características do niilismo negativo, o homem que controla suas vontades. A educação que se preocupa com o controle comportamental do educando faz com que este se desenvolva internalizando suas vontades, direcionando seus desejos para dentro de si, posto a preocupação com o julgamento que será feito pelos demais.

Os itens B e C evidenciam o tecnicismo deste processo. A análise da aprendizagem e a sua ordem sequencial por meio de passos instrucionais diminuem consideravelmente as inúmeras possibilidades de engrandecimento do educando, pois se este deve apenas seguir um processo pré-estabelecido suas possibilidades de criação diminuem. A técnica aqui descrita pode ser comparada à moral determinada ao homem no niilismo negativo. Há uma “regra” a ser seguida para que o objetivo final seja alcançado. A negação daquilo que não condiz com o esperado, equipara-se à negação das nuances inesperadas da vida do homem.

[2] Skinner foi um psicólogo americano, nascido em 1904. Seguidor do Behaviorismo acreditava que era possível controlar o comportamento humano a partir de respostas fisiológicas condicionadas. Estimulando a aprendizagem a partir do estímulo e da recompensa. Escreveu obras importantes como Ciência e Comportamento Humano e Comportamento Verbal. Falecendo no ano de 1990.

Ao deter maior atenção no item C, a palavra *microensino* se destaca, pois que tal conceito caracteriza-se pela diminuição das possibilidades do ensino e seus desdobramentos. Ao utilizar-se do reforço de atividades e a espera de respostas determinadas, um objetivo único é gerado. Alcançar de forma rápida a finalização do processo de educação institucional.

O microensino diminui as diversas possibilidades de aprendizagem que o estudante pode ter ao longo de sua formação. O uso dessas técnicas e processos educacionais pré-estabelecidos, associados ao reforço de respostas não permite ao educando a possibilidade do pensar, pois que acaba por executar apenas o processo de memorização do que lhe é posto.

Em suma, as características da Pedagogia Tecnicista não demonstram que ela não seja eficiente no processo de ensino e aprendizagem do estudante, mas sim, que preza pela repetição e memorização dentro de um processo pré-estabelecido. Ao construir uma tendência pedagógica neste formato, não há preocupação com as possibilidades de engrandecimento do educando enquanto indivíduo inserido em um meio social, ele torna-se apenas um repetidor.

Na Pedagogia Tecnicista, o processo técnico não é imposto apenas ao educando, mas também ao educador, que assume a função de transmissor de conhecimento. Ao ter sua forma de trabalho limitada o professor é diminuído dentro desse processo e a possibilidade da expansão de si mesmo enquanto educador é diminuída.

> A matéria escolar, para uso do professor, no ponto de vista que assumimos, será organizada em bases, que, segundo o conselho de Kilpatrick, devem obedecer a seguinte ordem (FoundationsofMethod, p.361):
>
> 1.Descrição clara da teoria, salientando-se os objetivos novos, o que visa seu ensino.
>
> 2. Projetos diversos, descritos em detalhes, para mostrar o que se deve esperar, e por que, de um ensino por meio de atividades e empreendimentos com um fim em vista. Indicação de resultados obtidos.
>
> 3. Lista de projetos em número superior aos que possam ser praticamente usados, como referência de material e aparelhagem necessários.
>
> 4. Indicação dos resultados que se devem esperar com relação à matéria, pondo-se maior relevo na aquisição de hábitos e atitudes, geralmente esquecidos na escola tradicional. Essa indicação servirá para que os professores e os alunos meçam e estimem o progresso que estão fazendo.

> 5. Material para os alunos se exercitarem nesse ou naquele ponto de estudo. (TEIXEIRA, 2007, p. 85 - 86)

A lista acima demonstra como o professor deveria portar-se e executar seu trabalho em sala de aula. O item 1, destaca a importância da clareza e objetivação ao ensinar os conteúdos. Enquanto o item 2, reafirma a importância dos objetivos finais, assim como a ideia da execução de projetos claros e detalhados, que visam à experimentação dentro da sala de aula. O item 3 se caracteriza como um banco de dados, em que o professor construiria diferentes projetos sobre o mesmo tema, para que ocupassem o lugar de reserva e fossem utilizados em um momento de necessidade. No item 4 é compreendida a principal característica da Pedagogia Tecnicista, este traz a indicação de resultados esperados, aquisição de hábitos e a medição do processo de aprendizagem. Já o item 5 seria a utilização do banco de atividades criado pelo professor.

As indicações postas na listagem acima funcionam também como um guia comportamental para o professor em seu trabalho. Assim como é imposta aos educandos uma moral, há a imposição desta para o educador, pois para que haja a exposição clara e objetiva de um tema é necessário que o comportamento do professor siga determinados padrões. De modo que, assim, os objetivos finais sejam reafirmados.

O educador é neste processo o transmissor do saber e esclarecedor de objetivos a serem executados. Não há espaço para que o professor seja construtor de conhecimento junto aos estudantes. A relação de diálogo e correspondência entre professor e aluno não são componentes deste ensino, pois ao determinar que o professor deva dar objetivos ao seu estudante, este último limita-se a alcançá-lo. É possível concluir que por tal perspectiva o educando não é dotado de conhecimento e sendo assim, é encarado meramente como um receptor de conteúdos.

Construir uma aula em que vigora a exclusão das demandas que permeiam a instituição escolar é limitar as inúmeras possibilidades de aprendizagem existentes a partir delas, pois essas demandas são percebidas pelos educandos dentro das salas de aula, como, por exemplo: relações de afeto com o próximo, relações de confronto, diversidade de pensamentos, frustrações emocionais, desejos a serem realizados, diversidade étnica e outros. Neste momento, cabe ao educador decidir entre seguir fielmente as morais impostas pela Pedagogia Tecnicista ou falar, de forma branda, sobre todos os temas que permeiam a sala de aula.

Ainda que desconsiderasse tais necessidades do homem ao longo de sua formação, era esperado transformar a sociedade com a implementação da Pedagogia Tecnicista em solo brasileiro, pois entendia-se que perspectiva pedagógica vivia em constante modificação e tinha como um dois objetivos dar sentido a tais mudanças, construir uma sociedade em que a moral baseava-se na modernidade e na ciência. Com isso o Brasil viveria a sua própria modernização consolidando-se como uma sociedade industrial. (TEIXEIRA, 2007, p.23)

A partir disso o modelo educacional proposto não ganha apenas a denominação de Escola Progressiva, mas também de Escola Nova, pois trazia junto dela não apenas uma nova organização escolar, mas também a possibilidade de uma nova organização social e moral.

> É progressiva, por quê? Porque se destina a ser a escola de uma civilização em mudança permanente (Kilpatrick) e porque, ela mesma, como essa civilização, está trabalhada pelos instrumentos de uma ciência que initerruptamente se refaz. Com efeito, o que chamamos de “escola nova” não é mais do que a escola transformada, como se transformaram todas as instituições humanas, à medida que lhes podemos aplicar conhecimentos mais precisos dos fins e meios a que se destinam. (TEIXEIRA, 2007, p. 24)

Como já citado, a Pedagogia Tecnicista ou Escola Nova, objetivava também a formação do homem para servir às necessidades sociais. Dessa forma esperava-se que ao concluir seu ciclo escolar o estudante pudesse ser um indivíduo responsável, culto e respeitador da moral social. Essa tendência pedagógica era composta de traços do niilismo passivo, assim como os descritos por Nietzsche, em que o homem se torna seguidor de uma moral e um indivíduo condicionado a seguir o que lhe é imposto ao longo de sua vida.

> É essa nova atitude espiritual: a ciência tornou possível o bem do homem nesta terra e nos temos a responsabilidade de realizá-lo pela revisão completa da velha ordem tradicional do “vale de lágrimas”. Esse homem, independente e responsável, é o que a escola progressiva deve vir a preparar. (TEIXEIRA, 2007, p. 32)

Teixeira enxergava na educação e na ciência não apenas um caminho a ser seguido, mas uma nova forma de alcançar significativas modificações sociais.

É nesta crença e também promessa que o niilismo passivo se consolidou na educação brasileira. Ainda que em períodos anteriores a educação e a ciência já fossem postas como a salvação do homem moderno é com a apresentação da Pedagogia Tecnicista que a sociedade brasileira passa de fato a compreender a educação como meio de crescimento social e financeiro. A proposta da rápida inserção no mercado de trabalho que pulsava em busca de novos trabalhadores despertou nos indivíduos a intensa vontade de inserir-se na educação formal.

Ainda que a Pedagogia Tecnicista não tenha sido de fato implementada nas instituições escolares brasileiras e nem surtido o efeito almejado, na atualidade são perceptíveis os traços fundamentais e teóricos que a compunham vigorando ainda nas salas de aula. Tais como: experiências objetivas e claras executadas pelos educandos nas instituições, a repetição e reforço massivo dos conteúdos postos em sala de aula e a limitação do comportamento do professor; são traços ainda existentes.

A formação que objetiva servir ao mercado de trabalho e às demandas sociais ainda ocorre em solo brasileiro. A escola que forma para suprir a demanda social hoje se mostra como aquela que dará ao educando grandes resultados no futuro. A utilização da técnica, já descrita por Nietzsche em seu tempo, e valorizada no Brasil em meados da década de 70 , ainda vigora nas instituições escolares. Sendo algumas de suas características o fato de se estruturar

Pelo alcance dos objetivos, pela apreciação de méritos, pelas avaliações de medição de aprendizado aplicada de forma periódica, entre outros. Todas essas marcas colocam em segundo plano as necessidades dos educandos e educadores. As possibilidades de extravasamento dos indivíduos e as realizações de suas vontades são excluídas do processo de formação. Há uma tendência pedagógica que objetiva formar para o depois, para o que ainda virá. O educando então passa a praticar o que se pode denominar como o *Niilismo Educacional negativo*. A eterna busca por seu objetivo e espera do que ainda poderá acontecer.

3.2. Niilismo educacional negativo / afirmativo

O *niilismo educacional negativo* não é um termo facilmente descrito, mas sim compreendido. Ao depositar sobre a educação formal a ideia de que somente a partir dela haverá a possibilidade de satisfação pessoal e reconhecimento social, cria-se a

partir dela noção de que é preciso dedicar-se inteiramente a ela para que futuramente tais objetivos sejam alcançados.

Esta variação do niilismo não é uma característica exclusiva da educação brasileira. Ela enraizou-se na sociedade desde que a ciência tomou o lugar da igreja e tornou-se o guia norteador do homem ocidental. Pois, atualmente, é a partir das técnicas científicas que a sociedade espera prosperar integralmente.

A Partir do momento em que a técnica científica passou a ser o guia norteador da escolaridade a ideia de prosperidade voltou-se também para as instituições escolares. Como já apresentado anteriormente, a técnica dominou as diversas instituições educacionais de forma evidente e mesmo depois de abdicada, ainda deixa seus vestígios na organização atual.

A formação sistematizada, com medições de aprendizagem e um grande objetivo final a ser alcançado, caracteriza-se como uma formação para o depois ou algo que ainda virá. É com a espera do que ainda vira que o niilismo negativo acontece dentro das instituições escolares atingindo até mesmo os educandos.

Ainda que estes últimos não tenham tal percepção da educação o meio social em que estão inseridos encarrega-se de mostrar-lhes a ideia de “educação para a progressão e salvação”. E mesmo que não a compreendam de forma concreta tendem a repetir essa ideia e comportamento, o que faz com que o *niilismo educacional negativo* se concretize.

Utilizar-se do conceito primitivo de Nietzsche para analisar as salas de aula é ter a possibilidade de enxergar os educandos, educadores e a instituição com um olhar diferenciado. Pois, ainda que, o filósofo direcionasse sua crítica para a sociedade de sua época, ainda é possível perceber as mesmas características na atualidade dentro das salas de aula.

Os principais conceitos trazidos pelo autor para concretizar o niilismo negativo, são facilmente percebidos nas atitudes e palavras dos estudantes atualmente, assim como nos professores. A evidente presença de uma moral superior ronda os corredores escolares, assim como ideias de juízo. Nas instituições de ensino há uma espera comportamental determinada, com regras que não foram ditas, mas que todos sabem que precisam que sejam seguidas. Por exemplo, a permissão para a movimentação dentro da sala, a postura corporal dentro dela, os horários referentes à alimentação e diversão e a contenção da expressão das próprias ideias, , são alguns exemplos.

Dentro desse cenário é possível perceber cada um dos personagens descritos por Nietzsche ao longo de sua crítica ao niilismo negativo. O sacerdote ascético e o escravo ganham destaque dentro desse contexto em que a interiorização de si é valorizada. Porém, ainda que no cenário do niilismo negativo encontrem também os personagens do aristocrata e do *Übermensch*, ambos representam aqueles que não se submetem à moral imposta a eles.

Todos os conceitos que foram citados acima compõem o cenário do *niilismo educacional negativo* em que há a negação da vida em função da formação escolar. Atrelado a essa negação encontra-se também, a já citada padronização comportamental. Essa padronização engloba a todos aqueles que estão inseridos no ambiente escolar, como, educandos, professores, funcionários da escoa e entre outros. Tal abdicação de suas vontades e da funcionalidade de seus corpos é um dos meios encontrados para que a ordem da instituição seja mantida.

A formação dada nas instituições escolares não se limita apenas ao campo intelectual, mas também ao corporal e comportamental, objetivando os jovens, para seu futuro no mercado de trabalho e na sociedade, pois quando chegarem à fase adulta, em que circulam em diversos meios sociais, saberão como se comportar e se expressar dentro daquilo do que deles é esperado. É dessa forma que o *niilismo educacional negativo* se classifica como uma variação do próprio conceito de Nietzsche do niilismo negativo. Ambos buscam formar o homem para que seja contido e interiorizado ao longo de sua vida.

Apesar de trilhar uma percepção negativista das instituições escolares, é compreensível que esta necessita de organização para que a aprendizagem aconteça, pois a reunião de diferentes indivíduos, com características físicas e comportamentais diferenciadas, em um pequeno espaço por um tempo elevado, requer cuidados e a atenção de todos os envolvidos neste processo.

A crítica apresentada nesse trabalho não é relacionada a tal organização, mas à maneira como a formação educacional tem acontecido de forma a reduzir as possibilidades de expressão do homem, pois que através da educação pensada pela ciência têm sido formados homens capazes de produzir grandes avanços em diferentes áreas de conhecimento que têm melhorado a vida de todos na sociedade de forma ampla.

Porém, é necessário compreender que a educação pela técnica científica traz limitações às possibilidades de expansão do próprio indivíduo. O *niilismo educacional*

negativo, apesar de criticado, não será extinto das instituições escolares. A reflexão que cabe a este texto é: como transformá-lo em *niilismo educacional afirmativo*?

No momento atual da sociedade brasileira, a desvalorização da formação para as artes e esportes tem aumentado consideravelmente. Ignora-se que ambos tiveram grandes contribuições ao longo da história. Na Grécia antiga, como já visto, os *aedos* valiam-se das canções e mitos para que todos fossem informados dos acontecimentos da *pólis*. Tal ato teve grande contribuição para a formação da sociedade naquele momento, assim como o incentivo à prática de esportes, em que o homem buscava cuidar de seu corpo e mente como parte da sua formação.

A Paideia grega tinha como um de seus objetivos a formação do homem de forma ampla e completa, preocupando-se com sua formação no campo dos saberes, das artes, e da consciência corporal. Tais características permanecem até hoje nas instituições escolares, porém de forma diferenciada. Neste período a formação não era voltada para o momento depois. Dessa forma o domínio comportamental do homem ainda não era objetivado. Por isso, a Grécia, que é considerada o berço da sociedade ocidental, pode ser revisitada como forma de inspiração para a formação integral do humano.

Percebe-se que com a característica da interiorização de si ao longo da formação escolar, não há espaço para que se possa conhecer e compreender os diversos sentimentos que estão postos para todos os homens. As diferentes expressões artísticas poderiam ser um meio para que essa compreensão fosse alcançada. Ao não colocar o conhecimento das artes apenas como parte do currículo escolar, esta poderia se constituir como uma das formas de conhecer e extravasar aquilo que o indivíduo sente. Dessa forma ele poderia compreender e lidar de forma mais fácil com os sentimentos que o cercam.

Visto que na formação educacional atual não há espaço para o extravasamento dos sentimentos de forma genuína, a alegria, a tristeza, a coragem, a surpresa, a frustração, a raiva, a decepção e dor são contidas, e muitas vezes postas como algo que deve ser escondido ao invés de vivenciadas. Ao integralizar a arte no processo formativo formal, ou não do homem, este poderia conhecer diferentes formas de compreender e extravasar seus sentimentos. Ao ter o domínio do canto, da dança, da pintura, das esculturas e tantas outras expressões artísticas o homem atual teria diferentes formas de se conhecer e se expressar perante a sociedade.

Além de ser uma forma de autoconhecimento o conhecimento artístico poderia ser também uma forma diferenciada e prazerosa para o conhecimento da história da

humanidade e suas formas de se expressar ao longo do tempo. Visto que é por meio dessas expressões artísticas que se pode identificar marcadores temporais importantes da própria sociedade de acordo com as características do tempo em que aconteceram.

Ao citar as atividades esportivas, que já têm sua prática atrelada ao cuidado do corpo e da saúde, tais continuariam a cumprir esta função. Porém acrescentariam ao homem a possibilidade da obtenção de satisfação e prazer através da sua prática. Pois as atividades físicas são uma forma de compreender e respeitar os limites do espaço individual e coletivo, assim como a compreensão da utilização das regras de forma que beneficie a todos. Como, exemplo citamos, nos esportes de competição em grupo em que o jogador ao sentir-se enfurecido e frustrado pode se expressar com seu corpo e fala, porém sem agressões ou intimidação aqueles que estão jogando com ele.

Ao retirar da formação institucional tais possibilidades de vivência e conhecimento de si próprio o homem perde possibilidades do engrandecimento pessoal tornando-se passivo e contido, tornando- se com o tempo incapaz de compreender seus próprios sentimentos, assim como aqueles que o cercam dentro da sociedade. Pois tais características são pertinentes não só a um indivíduo, mas a toda a humanidade.

Ao pensar sobre isso é possível visualizar diversos caminhos para que a formação do homem deixe de estar caracterizada como *niilismo educacional negativo* e venha a tornar-se uma prática de *niilismo educacional afirmativo*. Neste trabalho apresento uma possibilidade da utilização de jogos de fantasia em que o educando possa teatralizar as características e sentimentos relativos à concepção de Nietzsche sobre o niilismo em suas formas negativa e afirmativa.

3.3. Niilismo Educacional Afirmativo

Ao lidar com jovens e crianças em um ambiente escolar o educador precisa ter a compreensão de que não apenas está repassando um conteúdo, mas que está formando indivíduos que integram a sociedade e em pouco tempo opinarão em relação a ela.

Esses indivíduos poderão ser livres das questões morais que lhes são impostos ou presos a elas como seus guias norteadores de vida. Poderão ser homens

que realizarão grandes feitos sociais, ainda que em pequena escala, ou homens meramente integrantes de um conjunto social. Não há como prever os caminhos trilhados por cada jovem que cruza os corredores das instituições escolares. Ao professor cabe apenas servir como mestre que guiará os educandos para o conhecimento e a libertação de si mesmos.

Dentre as diversas possibilidades de aprendizado e condução da educação há os jogos pedagógicos, em que através da ludicidade os educandos podem assumir outras posturas e teatralizar suas emoções e sentimentos dentro de um universo lúdico.

Ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, atrelado a vivência escolar como docente, foi desenvolvido um jogo de tabuleiro com formato baseado em RPG para ilustrar os conceitos descritos por Nietzsche e trazidos neste trabalho. O jogo foi aplicado em uma escola particular na cidade do Rio de Janeiro, com crianças de 9 e 10 anos de idade que estavam no 4° ano do Ensino Fundamental. Nenhuma delas tinha conhecimento dos conceitos cunhados pelo filósofo, e apenas tiveram acesso às cartas do jogo e às suas regras do mesmo.

Composto por um tabuleiro com seis cenários diferentes, cinco personagens e seis objetos mágicos, o jogo foi utilizado por 9 crianças em diferentes momentos na sala de aula, em geral nos tempos livres após terminarem as atividades. Foi a primeira experiência delas com jogo de estratégia, em que se faz necessário prestar atenção e compreender a jogada dos demais para que o próximo possa ser dado.

Cada personagem foi baseado em um conceito de Nietzsche e em sua carta havia a descrição de tal conceito de maneira simplificada, porém sem mencionar o conceito em si para evitar confusão de entendimento por parte das crianças. Por se passar em cenário fictício de uma floresta encantada, a nomenclatura dos personagens foi baseada em literatura infanto-juvenil e pensada de maneira que fizesse concordância com as características dos conceitos.

Tais personagens foram: *Vagalume* relativo ao conceito dos *escravos*. Este é um personagem repressor de seus desejos e que não tem coragem de se expor, por isso foge de conflitos. Essa relação foi pensada pelo fato de o vagalume ser um animal pequeno, com asas e que parece ser indefeso, porém têm sua luz própria. *Ninfa* relativa ao conceito da *moral*. É uma personagem que acredita no que diz o *Escravo* e com isso pode ser usada por ele, e deseja impor o que pensa sobre todos os outros. A relação feita com base em jogos em que o personagem das ninfas em geral se porta de maneira agressiva quando seus desejos não são realizados. O *Homem* refere-se

ao *aristocrata*. Sua principal característica é orgulhar-se de si mesmo e não temer os demais. No contexto do jogo o Homem inicialmente deseja invadir a floresta para dominá-la junto do personagem Escravo, porém dependendo da narrativa criada, o Homem pode compreender que não se deve dominar a natureza, pois esta é uma força maior do que ele, ou do contrário, pode de fato destruí-la. Essa conexão foi pensada com a própria realidade do homem atual e a maneira como ele está compreendendo o que é ser orgulhoso de si. A *Sereia* refere-se ao *juízo*. Suas principais características são impor-se sobre os demais e a possibilidade de mudar de opinião. Essa relação foi feita com base no mito das sereias que se mostram ora como seres encantados protetores, ora como seres que destróem os demais. O personagem do *Protetor* representa o *sacerdote ascético*, e têm como sua principal característica á repressão de seus instintos e o julgamento dos demais. Essa relação foi feita com base em um livro de aventura infanto-juvenil em que o protetor de uma tribo indígena é aquele que dita às ordens conforme sua sabedoria. O *Centauro* é a representação do conceito do *Übermensch*. Ele é aquele que compreende a moral que está imposta a todos inclusive ao Homem e ao Escravo, tenta encontrar a melhor saída para o problema da floresta e busca o diálogo. Por isso, o *Protetor* o confronta ao longo do jogo. Essa relação foi criada com base em um livro infanto juvenil em que os centauros buscam o diálogo e não a guerra, e são descritos como seres que buscam o equilíbrio entre todas as criaturas.

É importante ressaltar que em todo o enredo, cenários e personagens do jogo foram elaborados com base na situação real em que a Amazônia brasileira se encontrava em meados do ano de 2019. Em que havia uma grande devastação da floresta por parte dos garimpeiros e madeireiros com o conhecimento do governo federal, ao passo que diversas pessoas e instituições ligadas à defesa do meio ambiente se uniam para pensar em medidas que pudessem amenizar tal crise. Com a amplitude das notícias e a extensão dos debates por todo o mundo foi julgado que o tema da preservação ambiental se fazia importante para a construção deste jogo, que pode gerar diferentes debates não sendo apenas uma forma pedagógica para o pensar filosófico, mas também uma ferramenta de conscientização ambiental e social

Para que o jogo pudesse começar, o tabuleiro foi posto no centro da junção de seis mesas, cada criança escolheu seu personagem e as relativas cartas de características, mais uma carta de objeto mágico. Todos os seres da floresta iniciam o jogo na clareira e o homem na própria vila dos homens. Foi lido pela professora que mediava o jogo o texto de narração inicial e o primeiro jogador retirou uma carta de

local do tabuleiro e iniciou sua jogada. Cada jogador contava com quatro cartas descritivas do seu personagem que deveria guiar suas narrativas, assim como a carta de local do tabuleiro. Na primeira vez que o jogo foi aplicado, a professora mediadora necessitou interferir algumas vezes, mas sem alterar a fala das crianças, para que pudessem criar as narrativas em conexão com a descrição de seu personagem e o local do tabuleiro. Na segunda vez que jogaram a mediação da professora não se fez necessária, pois eles conseguiram compreender a dinâmica do jogo.

Faz-se necessário destacar que na aplicação do jogo a professora manteve sua atenção na maneira como as crianças compreendiam as características dos seus personagens e nas suas reações perante os demais, pois era o que fazia mais sentido que se atentasse para a execução deste trabalho. Por isso algumas questões relativas à dinâmica do jogo podem ter passado despercebidas durante a observação.

Durante o processo de observação da conduta da turma durante a aplicação do jogo duas crianças se destacaram. A primeira foi a estudante M., pois só escolhia o personagem do Vagalume, que foi construído com base no conceito de escravo segundo Nietzsche. Ao ser questionado o porquê de sua evidente preferencia por tal personagem, ela explicou que após ler as características dos demais percebeu que apenas aquele poderia ter chance de não morrer ao longo do jogo. Uma de suas características era a opção de fugir dos conflitos. O segundo estudante que se destacou foi o J. , que também optava pelo mesmo personagem: o Homem, baseado no conceito dos aristocratas. A ele não foi questionado o motivo da preferência, mas foi percebido pela professora mediadora que o aluno possuía características muito próximas ao personagem. J. ao longo do ano de 2019, mostrava-se muito ativo e independente, com opiniões próprias com relação aos debates que surgiam entre as próprias crianças, e não costumava se importar com a percepção dos colegas com relação a ele.

Uma criança que chamou atenção não pela preferência de um personagem, mas pela reação a dinâmica do jogo foi o JG. Após a primeira partida que participou ele verbalizou à professora que não queria mais participar da atividade, pois não entendia o porquê de ter que escolher um personagem, pois não queria seguir suas características. Também expressou que gostou de ser um jogo de floresta encantada, mas preferia que não tivessem regras, pois preferia se eles mesmos pudessem criar a história. O JG. mostrava-se como uma criança muito criativa e as vezes distraída durante as aulas, por vezes passava impressão de estar em um mundo só seu. Porém, tais características não o atrapalhavam nas atividades escolares, apesar de

sempre ter reclamado de cumprir regras e dito não entender o porquê de sua existência. Gostava muito de dizer que ia para uma escola que ele faria o que quisesse.

As demais crianças não demonstraram reações diferenciadas ou que chamassem atenção em relação a essa pesquisa. Variavam entre os personagens, não reclamavam das regras e entenderam que se tratava de um jogo de estratégia em que o importante era dialogar sobre o futuro da floresta encantada. Por isso, pode se dizer que a aplicação do jogo foi bem sucedida e empolgante para as crianças devido ao fato de terem que construir uma estratégia dentro de uma história fictícia e com seres encantados.

Estar na função de professora mediadora neste jogo me foi permitido observar como cada criança assumia o perfil dos personagens que de forma mais simplificada caracterizavam os conceitos de Nietzsche. Algumas vezes percebi as crianças comentando que achavam alguma característica inadequada ou que não gostariam que isso fosse feito com eles. O exemplo da Sereia que poderia desfazer o que havia feito ou o Pajé que poderia julgar a atitude dos demais, porém que não fazia grandes jogadas. Destaco que este era o personagem menos querido das crianças.

Ao final lhes foi explicado que se tratava de um trabalho para a pós-graduação e que eles haviam sido os primeiros a utilizar. Também foi questionado se havia algo a ser modificado no jogo ou melhorado. Eles relataram ter sido divertido, pois o jogo era feito por eles e o final sempre era diferente. Alguns deram a sugestão de acrescentar mais personagens assim mais crianças poderiam participar e se tornaria mais divertido. Foi dito a eles que as modificações seriam feitas dentro das possibilidades da pesquisa. Como professora das crianças ao longo do ano e pesquisadora naquele momento, agradecia a todos por terem aceitado participar do jogo proposto e também por sua empolgação.

De fato, tais modificações foram realizadas, como, por exemplo, o acréscimo do personagem Escravo, com a característica do conceito de escravo e com isso a criação de mais um objeto mágico. Este personagem inicia o jogo junto ao homem na vila dos homens sendo mais um ser não mágico no jogo. Dessa forma o jogo contará com dois personagens representando o mesmo conceito, um ser mágico e outro um ser não mágico. E o acréscimo da personagem Ninfa, com a característica do conceito da moral, que não se encontrava no jogo. Porém por ser um dos conceitos mais importantes e discutidos nesse trabalho é importante que seja representado.

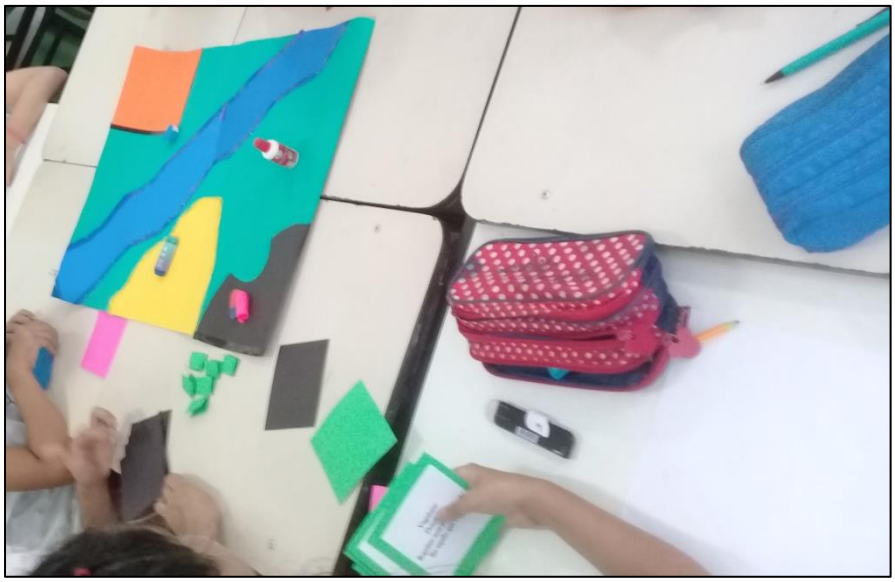


Imagem 1 - Disposição de tabuleiro, peças e cartas na mesa no início do jogo.



Imagem 2 - Personagens representados por materiais escolares de pequeno porte alocados em cada cenário de acordo com o andamento da narrativa do jogo.

A experiência com a utilização do jogo Floresta Encantada como uma pesquisa de campo para a construção deste trabalho foi essencial para que o conceito de niilismo escolar afirmativo se desse de forma mais clara no texto, assim como o entendimento das possibilidades de formação escolar diversificadas e a percepção do niilismo negativo na sala de aula.

Se o niilismo educacional negativo traz a internalização dos educandos e estreita suas possibilidades de aprendizado o niilismo educacional afirmativo se mostra o contrário. Com a aplicação de uma atividade lúdica e teatralizada

demonstrou-se algumas colocações deste trabalho que se mostravam apenas na teoria. Como, por exemplo, o entendimento da funcionalidade da sociedade e de como as ações dos outros podem influenciar na vida de todos. A possibilidade de entendimento das características de si mesmo e dos outros, pois para a teatralização dos personagens essa era a principal forma de obter sucesso. Bem como a noção de cuidado do ambiente em que se vivem e as possibilidades de mudança daquilo que aparentemente já está imposto para todos, sabendo que tal mudança pode ser em benefício de todos ou apenas de si próprio.

Com relação aos conceitos trazidos no texto e sua relação com o jogo também foi possível perceber uma importante conexão. O homem ao longo de sua vivência assume diferentes papeis. Ora porta-se como o escravo, que teme a vida e se interioriza; ora como o sacerdote ascético que julga a vida dos demais com base em seus próprios conceitos; ora como o aristocrata que é livre e orgulhoso de si. Não há um papel fixo para cada homem, há uma variação entre todos os conceitos descritos por Nietzsche e citados nesse trabalho. Porém pouco se percebe a representação do *Übermensch*. Esse é o concito que Nietzsche utiliza para descrever aquele o homem evoluído, que compreendo a si mesmo, tem orgulho de si e consciência de seu lugar no mundo. “... seria mostrado de maneira alguma como “ser humano superior”, como uma espécie de além-do-homem [Übermensch], como eu faço.” (NIETZSCHE, 2014, p. 88-89)

Esse é o homem que o niilismo educacional afirmativo busca formar. Aquele que não apenas compreende a si e ao mundo, mas que sabe que pode mudar o que lhe está imposto de forma a melhorar a vida da sociedade. Essa mudança inicia-se ainda nas instituições escolares mostrando que é possível oferecer uma educação formal capaz de acender no educando a chama pelo conhecimento e a vontade de compreender e mudar o mundo. Que apesar de ser necessário que hajam condutas de convívio para a escolaridade, essa última não precisa estimular a internalização dos de sentimentos e vontades.

Havendo tal modificação ainda na instituição escolar e agindo diretamente na formação do homem quando este atingir a fase adulta e estiver lidando diretamente com as demandas sociais, ele poderá compreender o que é o bem e a moral. E entender ambos como existentes não apenas para si e para aqueles com quem se convive, mas como questões pertinentes à existência de todos enquanto seres da realidade. Que apesar disso, ambas podem ser deturpadas ou impostas em benefício de uma parte dos homens. E que quando essa deturpação em benefício de poucos

acontece cabe, àqueles que conseguem compreender a amplitude das questões do bem e da moral, a possibilidade da mudança para o benefício de todos na sociedade.

Considerações Finais

Diante do estudo e desenvolvimento deste trabalho é possível compreender que a associação do conceito de niilismo descrito por Nietzsche, e a história da formação do homem em instituições escolares, é possível de ser feita.

O conceito do niilismo, que segundo os escritos do filosofo alemão, se faz presente desde a Alegoria da Caverna de Platão, foi utilizado como matriz para a criação da filosofia cristã que guiou a construção da sociedade e do caráter do homem ocidental. Ainda que tenha perdido espaço dentro dos preceitos sociais com a crise da modernidade a filosofia cristã, ele ainda está presente na vida do homem da atualidade.

Ao realizar sua crítica sobre a modernidade, Nietzsche destaca que a ciência passará a tornar-se o centro da vida do homem e ganhará reconhecimento social em diversas esferas. Dentre elas a educação, de forma mais precisa, as instituições escolares alemãs que passaram a utilizar-se da técnica em seus ginásios, de forma que o processo educacional não mais visava formar o homem de forma crítica e com liberdade de pensamento, mas sim para atender as demandas trabalhistas do mercado. O filósofo destaca também a redução de acesso à perspectiva cultural para a sociedade e a ideia de um ensino especializado em que o homem deteria a maior parte de seu saber em um único assunto.

Nesta crítica Nietzsche volta seu olhar para o passado e refere-se à sociedade grega e à sua formação como um exemplo a ser seguido para o homem de sua época. A Paidéia mostra-se como a educação primária do homem que tem acesso ao saber, estuda as diferentes formas de arte e cuida de seu bem estar físico. O homem grego era formado de forma completa, cuidava de sua mente, corpo e alma. Dessa forma, era um ser equilibrado e um cidadão completo que devolvia a sua *pólis* aquilo que lhe foi ensinado.

A técnica criticada por Nietzsche nas antigas instituições alemãs está presente também nas instituições brasileiras, porém ganha maior destaque com a Pedagogia Tecnicista. Este modelo educacional foi desenvolvido com diversos objetivos, porém destacava-se a possibilidade de realizar uma reforma não só nas instituições escolares e na sociedade brasileira. Tal pedagogia trazia junto a ela um novo conceito de organização social, econômica e escolar em que se prometia aos seus educandos a possibilidade de ascensão social e o reconhecimento através do mercado de trabalho.

A conexão desenvolvida neste trabalho encontra-se exatamente na promessa de uma nova vida após determinado processo. O niilismo de Nietzsche faz uma crítica

à filosofia cristã que traz ao homem a ideia de que caso este siga condutas morais e comporte-se de forma determinada ele poderá encontrar uma nova e melhorada vida após a sua morte. De modo próximo também se articula na educação que forma para o mercado de trabalho.

Neste formato educacional o homem que passar por todo o seu processo e seguir suas condutas poderá adquirir uma vida diferenciada de valorização e reconhecimento futuro. Nos dois casos pode-se identificar a negação dos desejos e vontades, a moral imposta ao homem e o ideal ascético, que compõem um objetivo em comum a ser alcançado: uma nova vida.

Ao pensar tais conceitos dentro das instituições escolares, mostra-se a possibilidade de repensar o a maneira como a educação tem se construído ao longo de sua história, assim como pensar nas dinâmicas de suas relações: escola - professor; professor – aluno; aluno – aluno e escola – responsáveis. Tais relações são transpassadas por diferentes demandas, o poder, os sentimentos, necessidades e expectativas.

Ao escolher um modelo educacional que forme pela técnica é posto dentro da escola demandas que ainda estavam dela, como, por exemplo, as necessidades do mercado de trabalho. Os locais em que há a necessidade de ocupação, maneiras de comportamento, e relações de poder.

Esses conceitos têm estado presentes na educação ocidental e auxiliaram nas construções de tendências educacionais em diversos locais. No Brasil a ênfase aconteceu na Pedagogia Tecnicista, porém já estava enraizado antes da aparição. Com isso a criação de novos niilistas tem aumentado cada vez mais e suas ideias espalham-se pela sociedade.

Ao repensar as diferentes demandas que transpassaram a formação do homem ocidental ao longo dos anos e os diversos modelos educacionais que foram postos dentro das instituições escolares, é possível perceber que um modelo não se sobrepõe ao outro.

Apesar das críticas feitas neste trabalho com relação à educação conduzida pela técnica, esta última não pode ser apenas criticada ou comparada a outros modelos. Os educadores críticos deste modelo compreendem que a formação e a educação do homem estão em constante mudança devido às demandas pessoais e socias inseridas ao longo deste processo, pois a sociedade e a formação do homem, seja ela institucional ou não, partilham dos mesmos atores em sua construção. Por

isso pensar a sociedade é pensar também a educação, e vice-versa. Uma não existe sem a outra.

Em vista disso, as pesquisas educacionais não encontram um resultado definitivo ou se encerram por completo. Elas necessitam, para o bem dos educandos e educadores, serem sempre revistas, refeitas e continuadas. Como exemplo esta mesma pesquisa foi refeita diversas vezes até chegar ao que podemos chamar, momentaneamente, de final.

A formação humana continuará a ser debatida e criticada, assim como as diferentes tendências pedagógicas que já existem e ainda irão existir. A presente pesquisa buscou repensar as duas esferas da construção do homem, bem como identificar pontos que podem ser modificados para que sua formação se torne cada vez melhor.

Referencias

ABAGGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007.

ARALDI. C. L. Para uma caracterização do Niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche** 5, p. 75-94, 1998.

HAVELOCK. E. **Prefácio a Platão**. Trad. Brid Abreu Dobranzsky, Campinas – SP, Editora Papirus, 1996.

JAEGER. Paidéia: **A formação do homem grego**. Trad. Arthur M. Parreira. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1995.

LUCKESI, Cipriano. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar**, Filosofia da Educação. São Paulo, Editora Cortez, 1994. p. 53 – 74.

LUCKESI, C. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar**, Filosofia da Educação. São Paulo, Editora Cortez, 1994. p. 53 – 74.

MORRA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Antonio José Massano e Manoel Palmeirim. Lisboa, 1978

NEUKAMP, E. **As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo.** Consciencia, 2007

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das letras, 2005.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo**, Trad. Jorge Luiz Viesenteiner, Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**, Trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Editora Schwarcz, 1999.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**, Trad. Mário D. Ferreira Santos, Editora Tecnoprint S.A., s/d.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Editora Schwarcz, 2002.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Caloustre GUlbenkian, s/d.

SANTOS, V. H. **A educação como crítica a modernidade na filosofia de Nietzsche.** Horizonte científico. V.4, n° 1, 2010.

TEIXEIRA, A. **Pequena Introdução à filosofia da educação:** a escola progressiva ou a transformação da escola, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.

XAVIER, M. **Nietzsche e a educação.** TRANS / F O R M / AÇÃO, vol. 1, p LIMA, Hermes. Anísio Teixeira Estadista da Educação, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

ZUBEN M., MEDEIROS R. **Nietzsche e a educação:** autonomia, cultura e transformação. Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano VI, n. 1, p. 71-93, jan.-jun. 2013. ISSN 1984-5561.

Anexo A - Proposta de Produto Didático

A proposta de Produto didático deste trabalho será o jogo de tabuleiro, com características de RPG denominado “*Floresta Mágica*”. Que visa trabalhar de forma lúdica as ideias trazidas dentro da pesquisa com a temática “Niilismo e a Formação do homem”. A atividade é pensada para o uso escolar, em turmas de 30 alunos, podendo ser utilizada em grupos ou individualmente.

Atividade proposta: Floresta Mágica.

Público-alvo: Ensino Fundamental ou Médio.

Duração: aula de 50 minutos

Objetivos

- Relacionar de forma lúdica os conceitos apresentados em cada cartão com os conceitos descritos por Nietzsche.
- Criar uma relação entre as problemáticas postas no jogo com as demandas da sociedade atual.
- Dar aos educandos a possibilidade de se colocarem no lugar do outro e compreender as suas demandas.
- Gerar debate reflexivo acerca das questões que permeiam a formação do ser ao longo de sua existência.
- Sensibilizar o educando para seu próprio comportamento e dos demais indivíduos inseridos no ambiente escolar e social.

Justificativa

- A atividade dá ao estudante a possibilidade de construir um diálogo entre aquilo que é estudado por ele no ambiente escolar e a realidade que mesmo vive em seus dias, porém disfarçada em um universo místico habitado por seres com poderes especiais. A partir disso ele pode refletir a cerca da sua própria construção enquanto homem, que habita um meio e tem possibilidades de modifica-lo para o bem ou para o mal.

Avaliação

- Acontecerá de forma continua ao longo da atividade. Com a observação dos pontos abaixo:

- Compreensão das características de cada personagem.
- Clareza na elaboração das narrativas com pertinência ao personagem e aquilo que já foi construído no jogo anteriormente.

Participantes

- Máximo de 7 participantes ou grupos.

A atividade

- Cada jogador escolhe um peão de cor diferenciada.
- Cada participante ou grupo joga o dado, aquele que tirar o maior número será o primeiro e a jogada segue com aquele que estiver à direita dele.
- Todos os jogadores devem sortear uma carta de “Objetos mágicos” e uma de “Locais do jogo”.
- As cartas de “Objetos mágicos” e “Locais do jogo” só podem ser utilizadas uma vez de acordo com a narrativa do jogo.
- Todos os personagens da floresta devem iniciar o jogo na clareira. O Homem e o Escravo iniciam na vila dos homens.
- O primeiro jogador deverá retirar um cartão de acordo com o seu personagem.
- No cartão estará contida uma situação problema.
- O jogador deverá produzir uma narrativa acerca da situação problema, respeitando as características do seu personagem.
- Os jogadores anteriores refletem se a narrativa foi feita de acordo com o conceito sorteado. Tal narrativa sendo julgado pertinente o jogo seguirá. Se incorreto a carta volta ao jogo e o participante ficará imobilizado na próxima rodada.
- O jogo se encerra quando todos os jogadores entrarem em um acordo quanto à invasão do Homem e do Escravo na floresta.

Personagens

Representam os conceitos descritos por Nietzsche, de forma que suas características serão referentes a ele. As situações problemas deverão ser narradas a partir do próprio personagem.

Personagens	Conceito	Descrição
Vagalume	Escravo	São submissos e interiorizados. Negam suas

		vontades.
Ninfa	Moral	Imagem do ser místico que é imposta aos demais. A que deve ser seguida
Homem	Aristocrata	Ama a vida acima de tudo. Faz aquilo que lhe dá vontade.
Sereia	Juízo	Impões-sobre a vida. Sendo a favor ou contra ela. Nunca é totalmente verdadeira.
Protetor	Sacerdote ascético	Vigia os demais. É contra a luta e as guerras.
Centauro	Übermensh	Ser com ética. Preocupa-se com sua vida, porém é livre de moralidades.

Elementos mágicos

Elemento	Função
Chave de portal	Permite que a criatura seja transportada automaticamente para o local desejado.
Fogo maldito	Incendia o ambiente em um segundo. Não pode ser utilizado no Rio.
Capa da invisibilidade	Deixa aquele que a veste invisível
Volta-tempo	Dá ao jogador a possibilidade de modificar a narrativa anterior.
Espada sagrada	Forjada a partir da prata é capaz de ferir gravemente qualquer criatura.
Pó escurecedor	Enche o ambiente em que se está com uma densa fumaça negra.
Tromba d'água	Inunda o local transformando-o em um pântano de lama densa.

Locais de jogo

Cada local do jogo é referente à determinada personagem, porém todos podem circular de acordo com as narrativas feitas ao longo do jogo.

Vila dos homens: Local de estadia do Homem e do Escravo

Reduto dos centauros: Moradia dos Centauros.

Clareira: Local de reunião dos seres da floresta.

Limite da floresta: Local de passagem do Pajé.

Rio: Moradia da Sereia.

Caverna mágica: Esconderijo dos Vagalumes e moradia das Ninfas.

Personagens do Jogo e suas problemáticas

Personagens	Problemáticas
Protetor	• Observa os homens se reunindo para invadir a floresta. • Participa de uma reunião com os seres místicos. • Precisa dar uma solução para a invasão na floresta. • Observa os seres da floresta se preparando para a batalha.
Vagalume	• É confrontado pelos outros seres místicos. • Pedem uma solução para a invasão na floresta. • Encontra os homens com armas na mão. • Deseja participar do confronto, porém vê uma possibilidade de fuga.
Centauro	• É convocado para se reunir com os outros seres. • Propõe uma saída para a crise na

	floresta. • É confrontado pelo Pajé. • Precisa decidir
Homem	• Prepara-se para invadir a floresta. • Observa os seres místicos e a floresta. • Deseja proteger sua vila e se preparar para o futuro. • É convocado para explicar por que invadir a floresta.
Sereia	• Expõe aos seres da floresta uma solução para a invasão. • Convoca os seres da floresta para uma reunião. • Volta atrás em sua última decisão. • É confrontada pelos centauros.
Ninfas	• Acredita no que diz o escravo. • Isola-se dos seres da floresta. • Impõe sua decisão aos demais seres místicos. • Dá uma solução para a invasão da floresta.

Narrativa do jogo

A Floresta Encantada, escondida entre os vales da cidade de Nevado, encontra-se na eminencia de um ataque. Todos conhecem as lendas dos seres místicos que ali residem e dos objetos mágicos que se escondem sob suas árvores.

Próximo a ela uma pequena vila de seres humanos ergueu-se com os passar dos anos. Orgulhosos de si e amantes da vida de forma intensa, como só os homens podem ser, eles decidem adentrar o terreno da floresta e desbravar seus segredos levando consigo seu Escravo. Um ser humano amedrontado e que não é dotado de força e coragem para expressar aquilo que sente. Enquanto ambos se preparavam para a sua empreitada, os seres místicos da floresta sentiram que o perigo se

aproximava e se reuniram na clareira para traçar um plano. Cada ser místico é dotado de diferentes características e portador de um objeto mágico. Enquanto o Homem e o Escravo portam suas armas. Dentro dessas diferenças e em um cenário lúdico e encantado todos devem encontrar uma solução para a questão que se seguirá. A Floresta Mágica será invadida e tomada pelo Homem?